PROBLEMAS POLITICOS CONTEMPORANEOS

N.º 3

PLINIO SALGADO

A Quarta Humanidade

LIVRARIA - JOSE' OLYMPIO - EDITORA
RIO DE JANEIRO

PLINIO SALGADO

A QUARTA HUMANIDADE

1934
LIVRARIA JOSE OLYMPIO — EDITORA
RUA DO OUVIDOR, 110
RIO DE JANEIRO

Segundo volume da série que iniciei com "O soffrimento universal", estas paginas não foram tambem escriptas no remanso amavel de uma existencia tranquilla; ellas exprimem trechos vivos da minha lucta permanente e levam o calor das annotações rapidas em esquemas gizados nas horas de inquietude.

Quando escrevi "Psicologia da Revolução", comprehendi melhor o drama interior de minha vocação contrariada: nunca o destino me deu sossego para desenvolver o plano systematizado de uma obra que eu desejaria realizar; batendo-me contra a fatalidade, nada mais tenho podido fazer, sinão stenographar meu pensamento, num conjuncto de livros que são fragmentos, em cada qual as gerações futuras encontrarão um traço de unidade identificador. Juntando columnas, capitéis, blócos de bases, ver-se-á que existe, nos elementos esparsos, um plano architectonico.

"A Quarta Humanidade" é um livro para a America do Sul. A 1.ª e a 2.ª parte são constituidas pelas conferencias que realizei, respectivamente, nas Faculdades de Direito de S. Paulo e de Recife, a primeira em 1931 e a segunda em 1933. Esta ultima eu a reli na Associação Universitaria da Bahia e no Theatro José de Alencar, em Fortaleza. Os dois trabalhos se completam.

Os escriptos da 3.ª parte elucidam o pensamento politico deste livro.

Ao proximo volume dei o titulo: "Despertemos a Nação!". Será mais uma clarinada conclamando os moços a virem formar a grande força capaz de construir a grande Patria.

S. Paulo, 1 de novembro de 1934.

PLINIO SALGADO

I PARTE

Polytheismo - Monoteismo - Atheismo - Integralismo

A concepção do Estado e da Sociedade está ligada á concepção do proprio Universo.

E' da idéa do Cosmos que deriva o senso das finalidades humanas. E' do sentido das finalidades humanas que procede o pensamento da organização social. E' do pensamento da organização social que decorre a orientação politica, com influencia, por sua vez, na Sociedade e no Estado.

Nós estamos vivendo, hoje em dia, o começo de uma grande E'ra Humana, que, sob todos os pontos de vista, apresenta uma notavel semelhança com o periodo longo e crepuscular da formação dos primeiros nucleos sociaes antecipadores das primeiras nacionalidades.

Nunca fomos tão ligados, como agora, ao sentido profundo do Cosmos, ás mysteriosas leis que regem o Universo. Chegámos ao limiar do Seculo da Machina e esta nossa inquietação e esta nossa angustia, já nada têm de commum com aquil-

lo a que poderemos chamar o equilibrio estavel da civilização, cujas expressões encontramos nos dois oppostos: o naturalismo hellenico e o mysticismo oriental.

Ligamo-nos, realmente, na época do Aeroplano, da Electricidade e do Radio, á Noite Primitiva, dos terrores indefinidos, em que o Sêr Humano se instabiliza no immenso desamparo.

Tive essa impressão na Acropole de Athenas, onde nada me falou á angustia de homem do meu Século. Eu sentia alli o naturalismo hellenico, "que nunca admittiu sinão idéas naturaes acerca de todas as cousas, porque buscou sempre a solução dos problemas da natureza humana no "eu", na experimentação e na historia, limitando-se á observação dos phenomenos para os interpretar com precisão e nitidez". (Schlegel, "Ph. de L'hist.").

"E nós" — escrevi no meu livro "O Oriente" — "nunca vivemos uma época tão parecida com aquella em que se forjaram os primeiros deuses. No começo, o Homem foi superado pela Natureza. Houve o desequilibrio. Era o crepusculo aterrador. A projecção sobrenatural do objectivo . . . Na civilização grega, deu-se o equilibrio perfeito. O Homem e a Natureza se equivaleram. Os deuses se

humanizaram". E, mais adiante, accrescentei no mesmo livro: "Agora, a Natureza foi superada pelo Homem. Novo desequilibrio. Mas o homem está sendo esmagado pela propria objectivação do seu subjectivo. O sobrenatural que nos apavora não é mais o que provinha dos trovões, dos raios, dos tremores de terra, das tempestades e diluvios: é o que sóbe de nós. Nesta sociedade sem Deus e sem terror cosmico, nós creámos o terror de nós mesmos".

ALGUMA COUSA ESTA' NASCENDO...

Encontramo-nos na mesma situação da Humanidade em inicio.

Porque somos uma Humanidade Nova. As Humanidades que nos antecederam procuraram o Infinito no "objectivo". A nossa procura-o no "subjectivo". As primeiras vieram do Universo para o Homem. E, tendo chegado ao Homem, a mais recente Humanidade tratou de dissecal-o, para lhe estabelecer o seu valor intrinseco. Somos forçados, agora, a partir do Homem para o Universo. Houve uma marcha do Exterior para o Interior. E o Homem realizou a marcha para o Homem.

Essa marcha correspondeu a uma continua

negação do valor da idéa. E foi, tambem, um afastamento gradativo de causas primarias. E quando a intelligencia chegou á negação total, começou a nascer a Nova Humanidade. Que é a nossa.

*
**

Alguma cousa está nascendo no cáos da vida moderna. Precisamos de liberdade para comprehendel-a. Liberdade, não no sentido de apprehensão, de conquista, que é a liberdade do século passado. Mas liberdade no sentido de desprendimento, de coragem, de amôr á verdade, que vale mais do que a sciencia, porque a sciencia da verdade é, por assim dizer, o desapego á verdade da sciencia.

Tudo o que nos tolher essa libertação será o peso inutil de um Passado, preconceitos de cultura dos séculos mortos.

Os Séculos morreram no seu longo caminho.

A Vida renovou-se sobre um espectaculo de morte.

E' o que vemos na hora agitada da nossa angustia.

No panorama da confusão universal ha um

choque de forças residuarias, fazendo um rumor, que não é ainda o rumor dos tempos novos, mas apenas o do sepultamento das Edades.

CREPUSCULO DE CIVILIZAÇÃO

Ha um sentido de vida, que é novo, e que precisamos decifrar.

Fala-se geralmente num crepusculo de civilização. Eu prefiro falar num crepusculo de Humanidade.

Não é uma civilização que está terminando o seu cyclo: é uma Humanidade que está em face de outra Humanidade. Não é um systema economico que está isoladamente em jogo: é um senso de vida, de concepção cosmica (1). Não se trata de rumos politicos, mas de algo mais profundo, de que dependem os rumos politicos.

Temos, diante de nós, problemas moraes, culturaes, multiplicando-se em problemas pedagogi-

---

(1) O motivo pelo qual consideramos o "marxismo" como um phenomeno do seculo XIX é a identidade de "estado de espirito", de concepção do mundo, que faz de Marx um reformador, não um creador; um subordinado á economia burgueza (conforme elle mesmo o confessa), e não um revolucionario.

cos, estheticos, juridicos e administrativos. E todos esses problemas não podem ser tratados segundo a mentalidade das civilizações extinctas, mas segundo o sentido de uma época que se desdobra em novos planos e novas finalidades.

O ESPIRITO DA GRECIA

O senso da civilização hellenica, que tão notavel preponderancia exerceu, desde a Renascença até aos dias de hoje, é um senso de abdicação, uma incapacidade de rasgar fronteiras. E' uma limitação, não é uma solução.

Esse criterio restrictivo, que dominou a nossa cultura moderna, já não satisfaz a ansia do nosso espirito. Temos chegado ao individualismo, com todas as suas consequencias e delle derivaram conceitos de vida que se affirmam num sentido de Absoluto. A antithese da concepção sobrenatural atinge uma zona de negação, onde a affirmação tambem se encontra. Os extremos se tócam. A Nova Humanidade não se conforma com o relativismo das conclusões experimentaes, com o espirito grego e o do Renascimento. Os campos oppostos se confundem numa mesma physionomia espiritual. E'

dahi que nasce uma Nova Humanidade, totalista, em opposição á outra, parcialista. O espirito da Grecia está agonizando...

A THEORIA DOS MOVIMENTOS HUMANOS

Nós costumamos estudar a historia segundo uma apreciação empirica dos factos. Deduzimos uma critica formal.

Mas é preciso dilatar o criterio da Historia. Dilatar e aprofundar. Para surprehendermos as leis essenciaes dos rythmos humanos, a theoria dos movimentos do Homem em torno do Absoluto.

A Historia deve revelar-nos as posições do Sêr Humano na sua permanente gravitação. No desenvolvimento desses rythmos é que vamos surprehender as tres etapas, que poderemos denominar: de *addição*, de *fusão* e de *desaggregação*.

A formação das sociedades obedeceu a esses movimentos. A Primeira Humanidade veiu da caverna, até a creação do Polytheismo; a Segunda, vem do Polytheismo ao Monotheismo; a Terceira vem do Monotheismo ao Atheismo; e a Quarta que é a nossa, encontra-se na mesma situação tragica da Primeira, diante do mysterio universal.

Depois da addição, da fusão e da desaggregação, chegou a hora da synthese.

Que cousas mais semelhantes do que o Homem diante do raio, e o Homem diante da Machina?

Existe um pensamento na Machina, como existe um pensamento no Raio. E' a natureza desse pensamento que interessa á interpretação do mundo.

TOTEM E TABU'

O Homem Primitivo fundou a tribu e engendrou o *totem*. Os totems se addicionaram, com a addição dos clans. Essa phase humana tem um caracter de addição contínua. E' o individuo que se junta ao individuo, o clan que se junta ao clan, alargando as areas da tribu e confraternizando os totems com a prioridade do fetiche do clan predominante, até á sua transformação em *tabú*.

O totem traz consigo uma interpretação da idéa revelada.

O significado immediato do animal totemico, attingida a extensão do dominio tribal, começa a ampliar-se, na correspondencia com os phenomenos cosmicos, através dos processos analogicos, em que

o Homem Primitivo communga no conjuncto das expressões naturaes. Mais rapido o totem se transforma em tabú, quanto mais exprima phenomenos universaes.

E' ahi que começa um rudimento de organização. Cada clan tem o seu totem (animal ou planta), uma especie de deus immediato, tangivel, comprehensivel. Essa concepção do deus totemico corresponde á traducção da autoridade familiar, que é exercida pelo mais velho, ou o mais forte.

No instante em que essa confraternização de núcleos individuaes com outros semelhantes se effectiva, garantindo a defesa e o trabalho communs, realiza-se a hegemonia do totem mais forte, que se torna o tabú da grande tribu, embora os outros continuem a presidir, particularmente, os destinos do clan respectivo. A organização presocial se accentúa, parallela á organização religiosa, pois a sociedade rudimentar está ligada intimamente á concepção cosmica. E o tabú, como dissemos, é tanto mais predominante, nessa phase de actividades pre-politicas, quanto melhor traduza a interpretação dos phenomenos que interessam a mentalidade e as preoccupações tribaes em lucta com o meio physico. E' esse senso universalizante, oriun-

do da propria concepção da divindade, que determina os movimentos das tribus, num sentido de cohesão e de finalidade commum. E' a interpretação dos deuses que determina a interpretação dos destinos humanos.

O totem não se transformou em tabú, sem que trouxesse consigo uma capacidade de universalização.

A idéa de Deus precedeu a idéa do Cosmos, porque o tabú succedeu ao totem.

*
**

O totem existiu primeiro, como *idéa pura.* A sua predominancia sobre seus similes é que dependeu da mais exacta traducção do universo material, trazendo caracteres mais tangiveis de viabilidade, como teôr pratico da concepção theorica, na revelação nascente.

E' o caso da raça tupy. De todos os seus totems, o predominante foi o tapir, que, por ser o maior animal da America Meridional, symbolizou a immensa terra. Venceu o jaboti, o jaguar e a cobra-grande na imaginação de todas as tribus e a sua hegemonia deu o nome á raça. Da palavra

"tape" veiu o nome "tupy". De "tupy" veiu "Tupan", idéa já quasi abstracta de Deus.

EVOLUÇÃO DOS TABU'S

Um exemplo curioso é o de Horus, no Egypto. Cumpre notar que de todos os totems do Delta, do Vale e do Planalto Meridional, bem poucos chegaram a attingir a supremacia, como tabús; e, dentre estes, poucos lograram sagrar-se na dynastia dos deuses nacionaes.

Horus é totem de algum clan do Baixo Egypto. Elle figura como protector de varias tribus. Atravessa o longo periodo da organização dos numes, ou provincias, mantendo uma prestigiosa hegemonia. E quando as organizações se transformam em instituições, elle apparece como divindade suprema, como o Saturno dos gregos.

Foi o trabalho mental da analogia, da harmonização do fetiche com os phenomenos cosmicos.

Horus é representado por um falcão, o passaro que ergue o seu vôo orgulhoso sobre as planicies descampadas. Elle fére a imaginação do Homem Primitivo, é tomado como totem, depois como tabú e divindade. Porque a sua analogia é perfeita com o cosmos.

Que são os olhos de Horus? O sol e a lúa. Que exprime a curva de sua cabeça, que se prolonga no bico adunco, como se quizesse formar uma curcumferencia? O firmamento.

Elle paira sempre na altura, porque está acima das contingencias do homem e da terra. Suas azas se abrem como as sombras da noite. Suas garras poisam nas palmeiras, como si elle tomasse posse do mundo. Seus gritos são como o rumor do dia. Horus é a Causa Suprema. Horus é tambem o Universo.

Seu inimigo, Seth, senhor das trévas, habita as terras meridionaes, de onde vêm as tempestades, os furiosos tufões. Tambem foi totem de um clan. E' um animal, especie de galgo, de antilope ou tamanduá. Seu prestigio procede, naturalmente, da sombra que parece devorar o sol ou a lua (os olhos de Horus) durante os eclipses. E' uma tradição que até hoje se conserva, nas camadas supersticiosas das populações ignorantes, essa que vê, no espectaculo dos eclipses, um animal devorando o astro.

E Seth torna-se a antithese de Horus. E' o deus das trevas, das trovoadas, dos raios, da noite tenebrosa. O poder de Seth é enorme, pois Ho-

rus, embora vencedor de todas as batalhas, não póde evitar as noites sem lúa, ou as phases da lúa, em que esta quasi desapparece.

Do dualismo feiticista procede o dualismo politico, origem da affirmação nacional.

Uma nação não será organizada, sem a lucta das forças contrarias.

Sem negação não póde haver affirmação. A vida dos clans proseguiria indefinidamente, si os totems, passando a tabús e a deuses, não formassem systemas de causas contrarias. (1)

As tribus se unem por algum motivo. Esse motivo é o combate ao inimigo commum, ao deus inimigo do deus do nume, ou dos numes confederados. O Alto Egypto luctará com o Baixo Egypto; um deverá absorver o outro. Um será vencido, outro vencedor, mas serão distinctos, e é essa distincção que une as provincias de cada qual.

---

(1) Não se concebendo nem o repouso, nem o movimento absoluto no universo, a lei da contradição torna-se imperativa como condição de movimentos. Nem tudo, porém, se reduz á lei da contradição, como querem os fanaticos da dialectica de Hegel. Porque tudo se subordina, em ultima ratio, a uma lei de harmonia. O espirito humano soffre as contingencias da lei da contradição por não haver ainda superado a fatalidade do seu liame material.

Até hoje, nesta nossa Civilização, que attingiu plana tão alta, a verdade inicial continúa: não haverá unidade de uma Patria, si as correntes de povos que a compõem não tiverem um inimigo commum. E' preciso crear esse inimigo, quando elle não existe.

Nos povos primitivos, a lucta dos contrarios é o começo da organização definitiva. "As organizações rudimentares se desenvolvem em instituições os clans constituem provincias, ou numes, onde os emblemas primitivos, sendo fetiches ou totems, se transformam em divindade. Parallelamente, ou numa plana immediatamente inferior, os patriarchas se elevam a chefes unicos, depois a reis. Os numes se agrupam em reinos, primeiro multiplos, depois concentrados, unificados sob um só monarcha. Nesse momento inicia-se o periodo dymnastico e inscreve-se na Historia. A escripta esculpe já nas pedras os apellidos dos soberanos, as guerras, os grandes feitos politicos, as tradições, até então oraes, as doutrinas religiosas. A Sociedade Humana tornou-se um Estado". (1)

(1) A. Moret — "Le Nil et la Civilization Egypciene".

CONCEPÇÃO POLYTHEISTA DO UNIVERSO

A psychologia das nações dessa Primeira Humanidade deriva immediatamente da concepção polytheista do universo. Cada effeito procede de uma causa propria. Os deuses multiplicam-se. O seu culto estabelece as castas, explica os ritos, justifica as guerras, como no caso de Troya, em que os deuses dirigem exercitos. Complica-se a theogonia, diversificam-se os ritos liturgicos, traçam-se prerogativas e direitos, fixa-se o apparelho institucional complexo.

O Homem está inteiramente subordinado á Natureza. Esse é o caracter fundamental da Primeira Humanidade. Porque a idéa unica de Causa Primeira encontrou numerosas expressões cosmicas de traducção. Essa traducção cosmologica complexa da idéa essencial tem o prestigio das cousas formaes e determina a interpretação da vida.

Ha intimas analogias entre o totem tribal e os elementos da natureza; depois, esses elementos absorvem completamente o totem. E' que os elementos naturaes são mais impressionantes e passiveis de traducção immediata.

A evolução do abstracto para o concreto, entretanto, prosegue ainda mais. Nessa altura, a concepção cosmica se exprime em formas humanizadas. E' um afastamento de idéa pura, mas é um retorno tambem á sua natureza humana e ao seu sentimento de revelação.

Horus, Seth, Anubis, Osiris, conservam apenas as cabeças de passaros, ou animaes; o corpo já é humano. Essa evolução será mais completa na Grecia, onde os deuses realizam a suprema harmonia da forma humana.

Por outro lado, o homem se diviniza. Os mortos começam a exercer sua influencia. A Historia se inaugura effectivamente. Os monarchas passam a constituir semi-deuses. A chrónica da vida material prosegue na chronica da vida sobrenatural. O Monarcha é o centro das provincias e das tribus, porque elle é o filho dos deuses. Accentua-se a idéa do Estado.

E o mesmo phenomeno que se verifica na absorpção do totem pela natureza, da natureza pela forma humana, effectiva-se pela absorpção do systema social baseado no rei, pelo systema politico baseado no Estado.

A Nação não é mais o conjuncto das tribus,

nem a porção territorial; a Nação, agora, é o sentido de uma cultura, a somma das instituições, dos conhecimentos accumulados, da civilização realizada, que tudo se crystaliza nas leis.

Para chegar a essa etapa, desde o Homem Primitivo, foram precisos muitos séculos, milhares de annos. Os tabús nasceram e fizeram sua carreira até ao polytheismo perfeitamente estylizado, de que são paradigmas perfeitos os individuos da mythologia grega. Mas é exactamente quando esses deuses adquirem lineamentos harmoniosos na representação humana, que começa a encerrar-se o mais vasto cyclo da marcha do Homem sobre a Terra.

A MORTE DOS DEUSES

Absorvidos pelo senso juridico do Estado, vulgarizados pela literatura, enfraquecidos pelo contacto com os povos conquistadores ou conquistados, que trazem o seu contingente de divindades, os deuses perdem seu mysterio e passam a orientar muito pouco os destinos sociaes.

E começam a germinar, simultaneamente, as sementes das duas humanidades, as proximas antagonistas, que se perpetuarão e se revesarão no cor-

rer dos tempos: a humanidade monotheista e a humanidade atheista.

Podemos representar graphicamente o largo periodo polytheista como as nascentes de um rio. As causas são numerosas, todas convergem para uma causa unica, para uma larga e profunda caudal. E é curioso como o mesmo espirito que fundiu todas as correntes para uma unica concepção de Deus, é o mesmo espirito que prosegue, tentando a destruição do proprio Deus. E', em ultima analyse, o mesmo espirito naturalista, que faz comprehender melhor o Universo formal. E' a procura da causa unica.

O polytheismo está entre dois fógos: o *hellenismo,* que prosegue nos methodos naturalistas de interpretação e explicação dos elementos; e o *orientalismo,* que prosegue no rumo sobrenatural, estabelecendo em Deus o centro do Universo e do mundo interior, consequentemente o centro dos movimentos sociaes.

EVOLUÇÃO DOS CONTRARIOS

Emquanto o hellenismo, a cultura grega, abstráe a consideração dos phenomenos espirituaes mais profundos, limitando-se á apreciação das ex-

pressões formaes da natureza, o monotheismo oriental abstráe a consideração dos phenomenos immediatos, para se deixar absorver pelo magnetismo sobrenatural.

Ambos vieram do polytheismo, pelo mesmo caminho, mas separaram-se porque cada um deveria constituir uma força na eterna dialectica. Essas duas humanidades deveriam exprimir as duas faces da verdade, porque impossivel seria comprehender uma sem a outra.

O bom não será bom sem o mau; a luz não será luz sem a tréva; o agradavel não o será sem o desagradavel, o alto sem o baixo, o preto sem o branco. E do mesmo modo como a recta é que faz comprehender a curva, embora a recta seja apenas uma illusão, como observa Einstein, o Sêr só se comprehende em relação ao Não Sêr, a affirmação em relação á negação.

Qual é a unica forma de negar? E' abstrahir. E' não considerar. Negar, considerando, é uma maneira de affirmar. Eis porque a civilização hellenica, e a sua successora greco-romana, têm um caracter de negação, que é a não consideração dos phenomenos sobrenaturaes. E' o paganismo epicurista, que tolera os deuses e não se preoccupa com

a vida delles. Esses deuses não passam de motivos artisticos de esculptura, architectura e poesia. A vida social está absorvida pelo Estado. O Estado é o espirito das leis, e as leis são apenas a systematização do bom senso, a crystalização verbal de um conceito de harmonia de relações em face da experiencia objectiva dos factos sociaes.

A lei é mais uma commodidade do que uma finalidade. O culto do direito é o rito da nova religião profana, materialista e tradicional. E' uma synthese de cultura. E' esse culto que justifica o Estado e crêa o impositivo da civilização. E' esse impositivo que determina a idéa do Imperio. Pois si os deuses justificavam as guerras de conquista, é agora a idéa do Estado e da Civilização que justificam a marcha dos Exercitos.

***

Contemporaneamente, desenvolve-se um outro senso da vida. E' a outra Humanidade, na qual o Estado é um prolongamento do Sobrenatural. "Eu sou o Senhor teu Deus; não terás outros deuses diante de mim!" fala Jehovah a Moysés, no Sinai, entregando-lhe as taboas da lei, fonte do direito

judaico. E essa é a grande premissa de que deflue toda a organização nacional dos hebreus, toda a legislação civil, o regime politico, o destino historico.

Para a Humanidade Monotheista, que se desdobra dos hebreus para o amplo dominio do Christianismo (e em cuja concepção da existencia temos de incluir os mahometanos e os budhistas), Deus é a causa ,a razão, a finalidade unica do Homem. O Homem procede de Deus e vae para Deus. A terra é uma passagem, o caminho entre dois Infinitos. A vida humana uma contingencia material do Espirito. E é desse pensamento central que se origina a organização do Estado, das classes, das familias, das communas geographicas. E' desse pensamento que decorre o conceito da autoridade, da obediencia ás leis moraes e ás leis civis. E' a Segunda Humanidade, que se desdobrará, dominando os ambitos dos Imperios, até crystalizar-se na civilização christã da Edade Media, em que a comprehensão das contingencias economicas, materiaes, se harmonizou com a idéa das finalidades sobrenaturaes.

Emquanto essa civilização se amplia e aprofunda ,vem nascendo a Terceira Humanidade. Ella

germina na Grecia. Dentro della se encontram elementos da Quarta Humanidade, elementos que estão tambem na expressão contraria á do espirito grego. A idéa essencial está dentro de todas as civilizações e formas de mentalidade.

Realmente, já Oliveira Martins, antecipando os methodos de Spengler, possivelmente com mais agudeza, escrevia ("O hellenismo e a Civilização Christã"): "cada civilização é um systema ou série; e da mesma forma que succede com os organismos naturaes cada systema comtem num gráo mais ou menos rudimentar todos os momentos de todas as séries".

CAUSAS MORAES E CAUSAS GEOGRAPHICAS

O segundo typo de Humanidade (a Monotheista) apresenta um caracter de fusão, como a primeira (Polytheista) apresentou uma indole de addição. Na primeira sommam-se os clans, sommam-se os deuses, sommam-se as provincias, sommam-se as causas. Na segunda, todos esses elementos se fundem numa idéa totalitaria, que abarca toda a comprehensão do Universo e todos os

movimentos humanos. Fonte remota desse systema de movimentos, é o povo hebreu, antithese do povo grego. Elle será a origem da civilização christã e influirá na civilização sarracena. Dará ao mundo um conceito de autoridade, um objectivo final, uma estructura social. A Nação Judaica não tem base physica ao nascer. Seu fundamento é exclusivamente moral. A legislação mosaica nasce no deserto. "Na viagem que fiz do Cairo ao Canal de Suez" — escrevi no meu livro "O Oriente" — "pelo caminho dos hebreus, pude comprehender a formidavel força estatucional que se tornou o unico ponto de referencia da Nação perdida no panorama branco de saibro, sem o apoio da organização economica e da fixação á gléba". E accrescentei: "A tradição historica é todo o patrimonio israelita no doloroso nomadismo da travessia. Elle se estampa na téla coruscante da planicie núa. E' a solidão que destaca e focaliza o apparelho institucional. Esse agente cósmico continua a actuar, como um sustentáculo do dogma theologico e da legislação civil, através da expressão geologica da provincia que tóca a Judá e Benjamim, na partilha de Josué. E amplia a hegemonia da velha Jebus sobre as doze tribus de Israel".

Como se vê, o factor physico é considerado como uma circumstancia ambiental, o condicionado geographico da these moral, um scenario vasio e sem vida, onde predomina a idéa de Jehovah. Na ausencia da paizagem viva, no desamparo da amplidão arenosa, Jehováh é a paizagem, como é a Providencia, que derrama as nuvens de maná e codornizes ás tribus esfaimadas; é a finalidade da Nação, que accende a columna de fogo para a marcha nas trevas do deserto; é a tradicção, que se conserva na Arca da Alliança; é a lei, que procede do Decalogo; é a sociedade, que se organiza, segundo o culto divino, em levitas, guerreiros e trabalhadores. Tudo procede da idéa central, tudo nella repousa. Tudo é deduzido de um sentimento do Sobrenatural. (1)

Ao contrario, a civilização hellenica é filha da propria geographia. "Mares onde o homem vê sempre um pedaço de terra; terra onde o homem vê

(1) A nação judaica cumpriu o seu destino historico, até ao Christianismo. Dahi por diante, porque não comprehendeu a sua grandiosa missão, que havia terminado, tornou-se uma força destructiva. Houve sempre uma Judéa de Prophetas e outra de Doutores. Os prophetas levam á vida, os doutores levam á morte. Os doutores são a peste dos Povos, a ausencia do espirito creador, suprida pela controversia e pelo sophisma.

sempre um pedaço de mar". ("O Oriente"). "Não existem distancias immensas para o grego". "Dahi a ausencia de mysterio". (Ob. cit.) "Tudo ahi foi condicionado — na esthetica, na philosophia, na politica, na religião e nos costumes — aos imperativos do limite e da exactidão de todos os movimentos. A perfeita euphoria. O homem de pazes feitas com a natureza. Sem a interrogar demasiadamente" (Ob. cit.).. "O Universo não tem pensamentos occultos para o grego. O homem grego nunca poderia comprehender a transposição imprevista de um elemento do segundo plano, para a focalização immediata do primeiro". (Ob. cit.)..

Consequencia do ambiente geographico, o que poderemos chamar a "limpidez" do idealismo de Platão, em contraste com a meia sombra do mysticismo oriental.

Na elaboração da Humanidade Monotheista ha o germen do materialismo, que mais tarde vae se aninhar no grupo sectario dos sadduceus, cuja recusa á acceitação dos espiritos, anjos, archanjos, irá ser repetida mais de vinte seculos depois, pelo racionalismo philosophico e pelo experimentalismo scientifico, em que influiram tanto os intellectuaes da raça hebrea. Tambem no desenvolvimento da

Humanidade Atheista, cujo embrião está no caracter objectivo, do naturalismo grego, encontramos a semente do espiritualismo na linha pura que evolve de Sócrates a Platão e Aristoteles.

Essas duas Humanidades, que, das linhas convergentes do Polytheismo, para as definições simplificadas das concepções dualista e monista, caminham através dos séculos, óra se encontram, óra se separam em contrastes profundos.

NO CAMINHO DOS SECULOS

As sociedades espiritualistas accusam indices de materialismo; das sociedades materialistas despontam traços de espiritualismo. E' esse o aspecto geral dos seculos e nenhum pôde fugir dessa fatalidade.

E' que não se comprehende a these sem a antithese (1). A certeza em transito, paira sobre as

(1) Não vae nesta phrase uma subordinação a Hegel. A dialectica hegeleana é ainda, como as "verdades" do seculo XIX, uma verdade parcial. Do mesmo modo como a lei de Newton não fica destruida, mas contida no relativismo de Poincaré e de Einstein, tambem a dialectica de Hegel é um dos numerosos aspectos que o seculo XX totaliza, num esforço creador de syntheses integraes, super comprehendendo todos os processos de movimentos num grande systema universal.

duvidas, como o espirito de Deus "que paira sobre as aguas".

Ha um momento, porém, em que se encontram as duas Humanidades. São os primeiros séculos da Era Christã. Esses dois caracteres universaes do espirito vão se misturar, quasi fundir-se, separar-se de novo, caminhar em sentido óra parallelo, óra divergente, refluindo ou confluindo, através do longo periodo que vae da quebra dos padrões das "civitas" romana, prolongando-se nas sombras da Edade Media, até á Renascença, e desta derivando até aos tempos modernos.

São, realmente, duas Humanidades que, rotuladas com as designações mais variadas das correntes philosophicas, reduzem-se, em ultima analyse, á Humanidade Monotheista, totalista, integralista ,deductivista, e á Humanidade Atheista, epicurista, nominalista, estoica, experimental. São duas Humanidades, uma concebendo o Homem na sua expressão integral, na sua capacidade de engendrar idéas reaes; outra lançando a duvida sobre a capacidade do conhecimento e pondo em cheque a precedencia da idéa e o seu valor intrinseco.

Essas duas Humanidades, que produziram, uma o Estado Medieval, a outra o Estado Moder-

no; que realizaram as Nações, uma segundo um principio de causa, de fim e de autoridades transcendentaes, outra conforme o principio da soberania popular e de sub-finalidades sociologicas em transito (1) — essas duas Humanidades vieram se revezando até nós, na predominancia sobre os aspectos geraes da cultura e da politica dos séculos.

E' com muito acerto que o nosso Azevedo Amaral escreve: ("Ensaios Brasileiros"): "Nesse aspecto das suas manifestações espirituaes, o Renascimento continuou a seguir o curso das idéas que vinham sendo elaboradas na Edade Média. O humanismo pragmatista do século XX representa o desenvolvimento logico do humanismo esthetico e ethico da Renascença, tal como este fôra a expressão da etapa de definitiva affirmação das tendencias que, a partir dos séculos XII e XIII, vinham sendo elaboradas no pensamento medieval, pela evolução progressivamente mais audaciosa da

(1) As linhas mestras das democracias modernas inspiram-se no velho epicurismo e no velho estoicismo. Toda a doutrina economica de Adam Smith é estoica: o Estado cruza os braços. E' esse o mesmo sentido do evolucionismo spencereano e do positivismo comtista. Resurgiram, dominadores, Zenon e Epicuro. Os governos são estoicos, a sociedade é epicurista.

corrente nominalista. Sómente a coincidencia das manifestações mais adiantadas do pensamento nominalista, traduzindo-se nas formas do humanismo, com o retrocesso da arte medieval aos modelos recobrados da antiguidade pagã, explica a confusão que identificou este ultimo aspecto do Renascimento com a sua orientação philosophica, na qual se nos depara apenas um desdobramento de idéas medievaes levadas a mais alto nivel de desenvolvimento logico, sem que occorresse, entretanto, uma quebra de continuidade no processo intellectual".

Essa marcha do espirito humano, que poderiamos remontar aos proprios primordios biblicos, evocando os "filhos do homem" e os "filhos de Deus", tendo confluido, na alvorada do Christianismo, sem nunca, entretanto, ter-se confundido de uma maneira absoluta, começa a separar-se, em lineamentos mais nitidos, depois do século IV. O Concilio de Nicéa não é apenas o palco das controversias entre os estudiosos da theologia dogmatica. E' um indice tambem revelador do livre exame, de que Ario representa possivelmente a primeira expressão. E' uma depuração de residuos. As fontes originarias da Edade Media, da Reforma, da Renascença, do Humanismo, e finalmente do Atheis-

mo, vêm, na verdade, se revelando através das controversias dos Séculos. A idéa essencial paira sobre as controversias.

Mas, apreciemos, desde logo, a Terceira Humanidade.

CONCEPÇÃO SCIÊNTIFICA DO UNIVERSO

Dissemos que a primeira Humanidade, Polytheista, Pantheista, teve um caracter de addição. A Segunda, Monotheista, tem um caracter de fusão. A Terceira, a Atheista, tem uma indole de dissociação, de desaggregação.

Cumpre assignalar que, em rigor, não ha etapas chronologicas para estas tres Humanidades. Como os rios que seccam no tempo do estio, para transbordar nas estações pluviaes, cada uma dellas não desapparece completamente. Corre sempre um filete no leito vazio, e esse filete póde engrossar e diminuir. Tal phenomeno se verifica no Tempo e no Espaço. A geographia espiritual não conhece etapas, ignora o que significam os séculos. Dentro do mesmo tempo, mas nos differentes espaços, ha selvagens polytheistas, populações de profundo

sentimento monotheista, e civilizações eminentemente atheistas. E isso, que se dá no espaço geographico, verifica-se no espaço chronologico. Só por uma questão de methodo, póde-se dividir a Historia em periodos nitidamente demarcados. Feitas, entretanto, estas considerações, podemos apreciar, de um modo gerál, as caracteristicas dominantes dos tempos. E não podemos negar hoje que foi o Atheismo que construiu o mundo moderno. Sim, foram os "filhos do homem", não foram os "filhos de Deus".

A indole naturalista determina a creação de uma civilização de realidades objectivas. Chegamos ao pragmatismo humanista e é em plena expansão desse conceito do Universo e do seus movimentos, que assistimos, hoje em dia, a essa cousa surprehendente: as conclusões ultimas do materialismo buscam uma forma de definição absoluta, no criterio da negação absoluta, que se torna um indice impressionante de affirmação. Partindo do criterio dubitativo e relativista do nominalismo, a extrema esquerda desse pensamento chega ás conclusões de um idealismo ás avessas, em que a idéa readquire o seu valor inicial, na negação, e isso cor-

responde á rehabilitação da idéa, reenceta a linha do processo apriorista . . .

A Terceira Humanidade funda-se nas conclusões scientificas, nas verdades em transito, da hypothese para a these e da these para a hypothese. (1). E' o caracter do experimentalismo, a feição extrema do humanismo.

"Fazer da vida" — escreve Oliveira Martins (Ob. cit.) — "uma combinação particular de movimentos de atomos e moleculas organicas, é desthronar, decerto, em beneficio da autoridade céga da Materia, o Deus da Theologia e do Espiritualismo. A necessidade e a eternidade da materia prescindem delle, para explicar o principio das cousas; e o espirito scientifico, soberbo e cheio de si, repele, com ironia, com desprezo ou com o odio proprio do escravo emancipado, o antigo tyrano, cujo prestigio se fundava apenas na ignorancia . . . "Quando a moderna impiedade pensa emancipar-se no atheismo, prepara, inconscientemente, a peor

(1) Nada melhor exprime esse estado de espirito do que a philosophia de Vahinger, o "como se fosse", isto é, o alicerçamento de todo o edificio da civilização nas bases das hypotheses, que se rendem, como sentinellas, no orgulhoso quartel da sciencia.

das tyrannias. Negando a realidade do mundo ideal, negando até a consciencia, onde esse mundo se nos revela, destróe, ao mesmo tempo, a Moral e o Direito; começa por abafar o mundo interior, e logo a sua obra se traduz numa oppressão e asphyxia de todas as creações sociaes, cujo fundamento é a Justiça". (Ob. cit.).

Essa a grande caracteristica da Humanidade Atheista, cujas expressões mais definitivas começam no Renascimento, attingem elevada altitude no Encyclopedismo e na Revolução Franceza e proseguem nos panoramas dos dias da Grande Guerra e do Após Guerra.

A psychologia dessa Humanidade Atheista é exactamente aquella que surprehende Fierens Gevaert ("A Tristeza contemporanea"): "A sciencia affirma categoricamente a perpetuidade da força — mas não nos ensina cousa alguma sobre a sua origem. Pouco importa, de resto, que o mundo tenha ou não começado a existir; os materialistas querem ignorar taes problemas e desdenham daquelles que com elles se preoccupam".

O mundo cáe no terreno das superstições scientificas, ou da abstração das causas. "Sabe-

mos, por ventura, melhor que outróra, o que é o espirito, a força, a materia, o tempo, o espaço? Essa potencia illimitada e multiforme, que em todo o tempo e em toda a parte revela a sua presença, continúa impenetrável. Dizem que o Universo é unicamente uma resultante do movimento dos atomos; explicam a vida pela vibração constante das moleculas; pretendem que a sensação provoca os phenomenos moleculares, originando-se destes os phenomenos phisiologicos... Mas qual a força que agita constantemente esses elos estreitos e sem fim? Qual a formidavel operação que precede a natividade dos mundos?" (F. Gevaert, ob. cit.).

A sciencia não sabe responder. Ella ignora tudo. E, entretanto, nenhuma religião abusou mais do que a sciencia da credulidade das multidões. A sciencia, que prometteu tudo dar, não póde crear nada que substituisse no Homem o seu Deus. Deslocando-se do seu plano, a sciencia debalde tentou decifrar o Eterno Absoluto. Ha uma zona do espirito em que ella se desfaz e se imprecisa. E, não podendo avançar, néga. E' o instante da transformação da sciencia em philosophia. A systematização dos conhecimentos baseados na experiencia e

desenvolvendo-se na esphera do pensamento (1). E' o espaço cambiante da philosophia dos séculos XVIII e XIX. O crepusculo dos philosophos a que se refere Papini.

A Humanidade, entretanto, entristece. Porque ella não se conforma com as conclusões scientificas, nem com as divagações philosophicas. E essa é a Terceira Humanidade, atheista nos seus caractéres mais typicos. E' a Humanidade, que desapparece na Era da Machina, com todo o seu cabedal. E a força que a destróe nasceu do seu proprio seio; é a conclusão idealista de um criterio nominalista; é a essencia metaphysica de uma indole naturalista.

O Humanismo tornou-se apenas o envolucro vasio, o casulo inutil de que a larva sahiu, quando adquiriu azas. O absolutismo da concepção materialista do Universo consagra o valor do idealismo e confunde-se com a expressão do finalismo.

---

(1) Prefaciando os "Principios de Philosophia" de Comte, escreve Littré, falando de seu mestre: "como o antigo professor que afastava de sua escola os espiritos extrangeiros á geometria, Comte apartava da sua todos os que não tivessem querido chegar á philosophia sem passar pela sciencia".

HUMANISMO

O humanismo que vae buscar sua origem na Grecia Antiga e que gerou a Revolução Franceza; que dominou nas correntes de pensadores e philosophos, partidarios do mechanismo cégo das forças naturaes; que desfechou o evolucionismo, como uma catapulta contra os reductos do finalismo; que arrancou o Homem do seu centro commum de gravitação, dissociando o systema de movimentos com base na idéa espiritual; que, tendo despontado em Descartes, vem culminar no pragmatismo moderno; que desenvolve uma nova theoria politica a qual se funda no individualismo, repellindo, entretanto, o personalismo; que crêa o Estado como a expressão da somma dos individualismos, com origem e finalidade (si podemos chamar finalidade), no individuo; que estabelece o suffragio universal como o instrumento da manifestação da soberania, sua expressão "real", objectiva, em opposição a quaesquer outras expressões "ideaes"; e reduz os governos a um joguete do mechanismo social como reduziu a sociedade a um joguete do mechanismo natural; que creou o sentido da liberdade, como expansão e conquista, como apprehen-

são, sob a inspiração dos egoismos reivindicadores; e tirou dahi as conclusões geraes do direito e da economia que inspiraram todas as legislações; e engendrou novos processos pedagogicos fundamentados no transito continuo das verdades ephemeras e da superstição scientifica a que se reduz toda a systematização pragmatica; e que quebrou, consequentemente, os padrões moraes inspirados num senso de finalidade humana; e, organizando a economia e a civilização modernas, partiu das recomposições nacionaes do começo do seculo XIX para a hecatombe da Guerra Universal — esse humanismo vê destacar-se de si proprio a fonte de sua propria negação.

E' o "materialismo dogmatico", extremo opposto da theologia, elle proprio uma nova theologia, uma nova religião, a religião do atheismo cuja lithurgia é a violencia de Sorel.

O VALOR DAS EXPRESSÕES NEGATIVAS

A proposito, escrevi no meu livro "O soffrimento universal":

"A estatua de Lenine e a adoração das massas em torno do grande idolo, longe de ter uma

significação negativista, exprime através da sublimação politica, a crystalização do phenomeno religioso sob a compressão dos methodos e processos da sociologia experimental, do materialismo impondo um systema de vida e procurando enquadrar nos seus postulados todo o complexo da aspiração humana.

O phenomeno russo já não póde ser tomado, em hypothese alguma, como uma expressão de negação de espirito, de aspiração trascendental. (1)

A lucta que se abriu no paiz dos soviets contra todas as religiões foi um movimento ao qual podemos sem receio de erro denominar: *o grande movimento religioso da Russia.*

Em mathematica, equivalem-se o signal *mais* e o signal *menos;* ambos consideram quantidades *em possibilidade,* o que representa, em ultima analyse, quantidades *em affirmação.*

---

(1) Farias Brito escreve, em "O mundo interior": "Mas como affirmar ou negar qualquer cousa, sem reconhecer-se a si proprio como espirito, aquelle que nega ou affirma, uma vez que só um espirito, isto é, uma consciencia, póde affirmar ou negar?" E, aos que repelem Deus e a Alma, replica: "A materia póde ser negada, porquanto o que se nos apresenta no espaço e ahi occupa um logar e se move, póde ser uma illusão, como acontece no delirio da febre ou nos phantasmas do sonho".

Na concepção infinita do universo, cabem todas as extensões susceptiveis de serem ideadas, quer em subtracção, quer em addição. E, por isso, a affirmação e a negação se encontram e se fundem numa mesma phisionomia interior. Ambas se traduzem pelos mesmos processos.

Néga, na verdade, apenas o que não pensa, o que se desinteressa pela cancepção do mundo e pela finalidade da existencia. Negam os que só cogitam do empirico, do positivo. Esses é que constituem, na forma apparente de suas actividades pragmaticas, os legitimos representantes do materialismo".

E' "a serpente, mordendo a propria cauda, symbolo em que a sabedoria millenaria das civilizações exprimiu os movimentos eternos, a eterna dialectica, o problema de *ser* e do *não ser*".

O marxismo póde ser expresso pelo signal *menos;* o espiritualismo, pelo signal *mais;* só o positivismo da burguesia do occidente será expresso por *zero.* Porque, só nega quem não considera as *causas* e as *finalidades* ultimas.

Vemos, realmente, neste começo de Século, sobre o panorama de mais de cem annos de experimentação scientifica, de inquietação philosophica,

de uma agitada literatura e uma politica em movimentos continuos de libertação, tres expressões de humanidade bem distinctas. Duas de affirmação, de concepção integral, de nitido finalismo; uma de negação, de concepção parcial, de anti-finalismo.

O ANTI-FINALISMO BURGUEZ

E' aqui que eu quero declarar, com a mais sincera convicção, que o materialismo historico, o marxismo, está no mesmo campo em que se encontra o espiritualismo, o senso totalista do universo.

O notavel escriptor brasileiro, Tristão de Athayde demonstrou numa série de conferencias realizadas em São Paulo e no Rio, que o marxismo não passa de uma phase nova da propria civilização capitalista, um desdobramento das consequencias do scientifismo experimental dos nossos dias. Isso é uma profunda verdade, considerando-se o problema do ponto de vista economico, ou do jogo cégo das forças da producção uma vez que o proprio Karl Marx affirma ser um continuador da economia classica.

Mas, si considerarmos o marxismo, não nas suas conclusões scientificas, e sim na sua essencia

ethica, teremos de concluir que o marxismo é uma reacção idealista contra uma cultura materialista. Nessas condicções, o lado opposto, o outro lado da verdade ideal não é a philosophia *de acção* de Karl Marx, mas o anti-finalismo da philosophia burgueza. Indo ao fundo da questão, só encontramos materialistas na burguezia do occidente. Porque, distinguindo-a um caracter de abstracção, a sua mentalidade póde ser expressa pelo *zéro*, enquanto o communismo é uma expressão negativa, portanto ideal. Dizendo-se continuador das escolas economicas da burguezia, adoptando o mesmo criterio naturalista dos physiocratas e manchesterianos, subordinando-se ao materilismo burguez de Darwin, Lamarck, Buchner e Haekel, Marx avança tanto nesse mesmo materialismo, que chega ao extremo opposto. Torna-se o marco de onde nós partimos para uma concepção espiritual do universo.

NIETZCHE, LEOPARDI E MARX

Tem-se dito que o marxismo erra pela unilateralidade, erra pela subordinação que pretende fazer da sociologia á economia, erra pela apreciação

do homem apenas como uma força de producção. E isso é verdade, uma vez que o Ser Humano se distingue e manifesta por tres expressões distinctas fundidas na sua integralidade: a espiritual, a intellectual, e a material.

De facto, considerado sob esse ponto de vista, o communismo incorre no mesmo erro do individualismo de Nietzche, que arranca a creatura humana do seu plano natural, para projectal-a na expressão monstruosa do Super-Homem. O collectivismo marxista deforma o individuo e crêa a massa em que este deve desaparecer. Ao passo que Nietzche arranca o Homem do seu plano natural, para projectal-o na expressão dominadora do Super-Homem, e emquanto o poeta Leopardi (que terá como Musset, Heine e Byron, seu grande theorizador em Schopenhauer), arrasta a Creatura Humana de seu nivel, para rolar com ella para os abysmos do nihilismo, da anarchia e do tedio, Karl Marx idealiza a Super-Collectividade, tomando o instincto, o sangue, a carne e o espirito de todos os componentes da Massa, para fixar o typo uniforme do Homem Mediocre e plasmar nessa argila, em que se fundem os contornos do Dominador Appolineo e do Quasimodo Misanthropo, o monstruo-

so Ente-Plural, agindo segundo os impulsos desenfreiados dos sentidos animaes. O Homem, que se hypertrophia em Nietzche e se amesquinha em Schopenhauer, desapparece na concepção de Marx.

MARX, HEGEL E KANT

O marxismo é o erro, na verdade, porque néga a finalidade do Espirito e o valor ideal da concepção mystica; e faz mais: relega a uma condição secundaria as proprias aspirações estheticas, tentando crear o padrão do homem segundo o que podemos denominar a "psychologia da machina".

No entanto, ha um aspecto que cumpre assignalar no marxismo: é o seu ponto de partida, de desassombrada, corajosa negação.

O marxismo procede directamente de Kant e de Hegel. Ao passo que Kant considera o mundo como elle é, Hegel trata de explicar o seu desenvolvimento. Nada ha immovel. A idéa absoluta traduz-se no movimento continuo. Do movimento constante da idéa absoluta, procede o desenvolvimento do Universo. A these géra a antithese, ambas se fundem na synthese, e esta se divide novamente. Hegel é um idealista, mas o seu systema en-

cerra o pensamento revolucionario. E' Fuerbach, seu discipulo, que absorve, a um tempo, o processo dialectico e o senso evolucionista, materialista, experimental. Elle mostra — resume didacticamente Riazanov ("*Marx et Engel*") — "que todas as nossas idéas sobre Deus, os differentes systemas religiosos, comprehendido o Christianismo, são o producto do homem mesmo; que não foi Deus quem creou o homem, mas o homem quem creou Deus á sua imagem". "De sorte que o homem é o principio fundamental da philosophia de Fuerbach. A lei suprema para o mundo humano não é a lei de Deus, mas o bem do homem. Por outras palavras, ao antigo principio theologico, elle oppõe o principio antropologico". (Ob. Cit.)

Marx completa a evolução do pensamento germanico, creando a sua philosophia de acção. Elle se baseia na dialectica de Hegel, no materialismo de Fuerbach, no utopismo de Saint Simon e seus discipulos, na theoria dos impulsos de Fourièr. Baseia-se, sobretudo, na precedencia da materia sobre o espirito: houve tempos em que o homem existiu sem consciencia; esta veiu depois.

Porém Karl Marx procede, como quasi todos

os valores philosophicos e sociologicos de sua época, do genio de Emanuel Kant.

Obscuro, complicado, profundo, Kant exprime, na verdade, a cahotica nebulosa do espirito do seu tempo, da qual se haviam de destacar as grandes idéas nucleares de systemas geradores de novos rumos scientificos, sociologicos, religiosos e politicos. Kant é como essas immensas e transcendentes symphonias wagnerianas, que parecem usinas animadoras de extranhas harmonias, contendo na sua grande massa como que o limbo de todos os rythmos. Desenvolvem-se em Kant as forças parallelas da moral dogmatica e do systema critico. Elle vem de Leibnitz e de Wolff, de Rousseau e de Newton; é o grande *complexus* despertado por Hume do sonho dogmático, de que derivarão constellações de philosophos e pensadores. O século XIX accorda com essa linguagem, que vae traduzir-se na lei dos tres estados de Augusto Comte; na sociologia cosmica e mechanica de Spencer; no monismo de Haeckel e Lamarke; no scientifismo evolucionista de Darwin, de Buchner, de que Virchow deduz a linha politica do socialismo. Desse impulso inicial procede, de certa forma, o individualismo de Nietzche, de Carlyle, de Schopenhauer; o socialismo de Blanqui, de

Lassale; e toda essa galeria do anarchismo, que vae de Proudhon e Max Stirner, a Bakounine, Kropotkine e Tucher.

Karl Marx, tambem, sahiu dessa immensa nebulosa. Elle parte de Hegel, guardando sempre a linha do desenvolvimento dialectico, no que o seu systema tem de philosophia; mas, com Fuerbach, elle se transporta para o campo do evolucionismo experimental, caminhando parallelamente com Spencer; e é no utopismo quasi mystico dos francezes que elle vae buscar sua indole politica. Faltava ao socialismo francez, que tão grande influencia exercia na Allemanha e na Russia, o pensamento philosophico, harmonizado com o pensamento scientifico. O marxismo fundiu todos os elementos e traçou suas grandes conclusões.

A NEGAÇÃO COMO "IDÉA"

O senso scientifico, porém, era um desdobramento do nominalismo; e Marx, entrando nesse campo, desvia-se do idealismo de Hegel. Nesse desvio, como que traça um circulo e torna a Hegel, ao velho idealismo, que já tinha vindo remotamente de Platão e entrava no seculo XIX, tendo pas-

sado pelo cerrado nevoeiro de Kant, para brilhar, de novo, em Hegel e Schelling.

Realmente. De que prova rigorosamente scientifica, parte o materialismo para negar a Deus e ao Espirito? Si esse materialismo procede mais remotamente de Kant, e si este demonstra que a essencia das cousas nos será sempre inatingivel, então, como podem Fuerbach e Marx affirmar a *inexistencia* desse *inattingivel?* Si a prova da affirmação é tão impossivel como a da negação, segundo os processos experimentaes, nesse caso a negação tem *um valor ideal,* esse valor repudiado pelos nominalistas e acceito pelos finalistas.

Considerado o conceito do Universo e do Homem, como uma concepção ideal; apreciada a idéa negativa segundo o seu valor essencial; considerada a philosophia marxista como "philosophia de acção", como ella propria se denomina, porque dá um sentido social á philosophia de Fuerbach; examinando o caracter finalista da doutrina de Marx, chegamos á conclusão de que o marxismo é, apenas, o mysticismo ás avessas.

E' o mysticismo da raça judaica. Para se comprehender a essencia recondita do socialismo de Marx, é preciso conhecer o "Talmud" e os Proto-

colos dos Sabios de Sião. Em ultima analyse, essa "atheocracia", que domina a Russia, não passa da velha theocracia hebréa revestida da forma negativa. O autor de "O Capital" espera o Messias, que não é um homem, mas uma raça. O seu governo será com verga de ferro, como diz o "Talmud".

O materialismo historico, não é, pois, em ultima analyse, uma negação do "ideal", nem mesmo do "sobrenatural": é uma forma de affirmação, na negação. Pois, negando, confirma, no pólo opposto, o idealismo de Hegel, e repelle a critica de Kant. E vae mais longe: firmando o *dogma materialista*, demonstra a viabilidade do dogma theologico...

Eis porque, não tendo o marxismo vencido nos paizes materialistas e industriaes do occidente, onde o capital e a machina expulsaram, de ha muito, a Deus e ao Espirito das fabricas e das metropoles, pôde vencer na velha Russia mystica, onde as multidões se ajoelhavam chorando diante do genio de Dostoievski, que lhes mostrava no céu o objectivo de uma raça agitada nos seus dramas seculares, e trazendo no fundo da nacionalidade o substractum do sobrenaturalismo oriental.

O CAVALLO DE ATILA

E eis porque considero o phenomeno marxista dessa Russia Santa, para tomarmos a denominação que lhe dão os poetas revolucionarios, como a avalanche de Deus, o cavallo de Atila, que ameaça esmagar uma civilização esquecida das superiores e eternas finalidades do Homem.

Essa Humanidade, que denominei no transcurso deste estudo, a Terceira Humanidade, a Humanidade Atheista, está agonizando entre as duas forças que a comprimem: *a força da affirmação* e *a força da negação*, ambas finalistas, contrarias ao sentido anti-finalista dos povos que esqueceram a sua origem e, tendo consagrado os seus direitos, não se lembraram de reaffirmar os seus deveres.

Das trevas dessa nova Edade Media, de que Nicolas Berdiaeff ("Un nouveau Moyen Age") desdobra o panorama de angustias, vae nascer uma Nova Humanidade.

Nada poderá conter o esboroamento da Civilização Occidental, porque ella traz em si mesma os germens das suas ruinas. As forças moraes submetteram-se ao dominio completo dos interesses

economicos, baseados nas maximas expressões das liberdades individuaes.

O IMPERIO DA MACHINA

O liberalismo economico deu forças sufficientes á machina, que a sciencia e o genio inventivo aperfeiçoaram nos minimos detalhes; e as invenções exerceram sobre os homens aquelle magnetismo previsto por Gabriel Tarde. A machina enxotou o homem das cidades, depois de o ter chamado para a illusoria fartura. A machina produzirá muito; produzirá para o fogo e para o mar; não produzirá para o seu creador. A machina creará castas soberbas que fulgurarão no luxo e no explendor, mas que estarão sempre inquietas, pois cada dia ha novos condemnados por ella, a descer para a forçosa proletarização. Tudo se mechanizará e os governos não mais governarão, porque a machina confirma o imperio do individualismo economico e os governos, limitados pelo senso precavido dos velhos nominalismos, não trazem dentro de si, já não dizemos o finalismo dos principios theologicos, mas nem mesmo o apriorismo kantiano. A machina tem a sua psychologia, tem sua philosophia, tem o seu orgulho, tem os seus processos; e o funccionamento dos poderes nas democracias occidentaes obedece ao rythmo desse metabolismo e dessa concepção formal dos movimentos da machina. Essa psychologia passará á sociedade, como já está passando, e o reflexo condicionado, sem finalismo, o ideal *mais pratico*, mechanizarão todos os rythmos, segundo o imperativo da evolução scientifica. A casa do homem não será mais o lar espiritualizado, mas a "machina de morar", e as linhas da architectura serão as de uma commoda com gavetas, porque esse é o sentido dominante do seculo. A arte do homem será a arte da deformação, como observa Berdiaeff, arte de que os expressionistas foram os adivinhos; ou a arte da decomposição geometrica, de que os cubistas foram os annunciadores e Picasso o vidente; ou a arte da electricidade, dos discos, das alavancas, dos espectros solares decompostos, no dynamismo dos futuristas; ou essa cousa complexa, fragmentaria, como um belchior, que é o surrealismo. A alma do homem será essa cousa confusa do relativismo psychologico de Pirandello; e será esse nimbo soturno, onde a psychanalyse de Freud penetra com uma lampada, como um ladrão de noite.

UMA HUMANIDADE EM AGONIA

E' a Terceira Humanidade que encerra o seu cyclo. Ella perdeu o seu centro ideal de movimentos; já não ha uma gravitação social, mas rotações de individuos em torno de si mesmos, creando nos dominios economicos os grandes *trusts* e monopolios, e creando nos dominios politicos os grandes nucleos oligarchicos, fundados no proprio espirito individualista do século passado. E' a época dos syndicatos financeiros e dos partidos politicos; do jogo das bolsas e do suffragio universal.

Que doloroso quadro o dessa triste Humanidade!

Tendo chegado aos extremos progressos materiaes, as Nações debalde tentam pôr ordem nas suas relações mutuas e nas suas actividades internas. A liberdade tornou-se o monopolio dos egoistas, dos inescrupulosos, dos potentados. O commercio internacional, que foi uma das causas das desorganizações da estructura economica de cada povo, opera-se agora num sentido de individualismo ou "chauvinismo", desequilibrando completamente a producção e o consumo universaes. A "lucta de classe", consequencia da ausencia de harmonia das actividades productoras e dos oppressores principios da chamada "liberdade contractual", prosegue num rythmo de violencia e de odio, segundo as prescripções de Sorel, de accordo com a these da evolução das Especies e o jogo dialectico das forças sociaes. Proletarizam-se as classes medias, os pequenos burgueses e até os detentores de menores sommas de capital, phenomeno esse subordinado á fatalidade do "struggle for life" darwiniano, transformado em dogma na ethica de Marx.

O desespero entra por todos os lares. A miseria opprime os trabalhadores intellectuaes e manuaes. O jogo dos negocios desorganiza a economia publica e a privada, abala todos os dias as pequenas fortunas, as modestas economias e attenta contra o principio christão da propriedade.

O dinheiro, elemento estatico expressivo de limitadas quantidades de ouro, contrastando com a producção, cujo dynamismo se accelera na razão directa dos aperfeiçoamentos technicos, torna-se o grande bolchevista, o anarchizador de todo o rythmo do trabalho humano. A escravidão dos juros pésa sobre todos os esforços do labor honesto, op-

prime os orçamentos das Nações e solapa a economia privada.

Os povos estão sobrecarregados de impostos. Os governos se encontram em situação de insolvencia. A angustia das massas populares deflagra-se em revoluções sem objectivo, em desorientadas insurreições e mashorcas arbitrarias.

De 1918 a 1934, tivemos, além da grande revolução russa, as revoluções na Italia, na Allemanha, em Portugal, na Austria, na Hungria, na Bulgaria, na Grecia, na Hespanha, na Irlanda, no Egypto, em Chypre, em Marrocos, no Perú, na Bolivia, no Chile, no Paraguay, no Equador, no Uruguay, na Argentina, no Mexico, na America Central, em Cuba, no Afganistã, nas Indias, na China, no Brasil, sendo que em muitos desses paizes as revoluções se repetiram e se repetem, com as indoles as mais variadas.

No panorama internacional, temem-se as guerras. O Japão demonstra a inutilidade da Liga das Nações, no caso da Mandchuria; a guerra sul-americana entre Paraguay e Bolivia está desafiando o prestigio moral dos povos. A Europa, soffrendo de males incuraveis, trata de preparar-se para a proxima guerra.

As crises economicas multiplicam-se. A quéda da libra em 1931 repercute como a fallencia de principios financeiros que pareciam indestructiveis. A Nep, na Russia, desmoraliza, ao mesmo tempo, o communismo e o liberalismo, fortalecendo a idéa do Estado, que paira, sobre as ruinas da economia classica e da economia marxista, inaugurando um regimen pharaonico de escravização do proletariado. Nos Estados Unidos, a N. R. A. investe contra velhos methodos que tremem nos alicerces, desde a quéda ostensiva do dollar.

O estrondo das fallencias em massa; a dictadura immoral das bolsas; a tyrania do cambio; a agonia da producção, cujo apparelho circulatorio se esclerozou, perdendo a elasticidade; a angustia dos governos insolvaveis; o problema do desemprego e da incapacidade de acquisição das massas consumidoras; a miseria que se multiplica, — tudo isso está mostrando o panorama tragico de uma civilização que morre . . .

Inutil todo o esforço dos governos. A Conferencia Economica de Londres, em 1932, fracassou vergonhosamente, por falta de autoridade moral no mundo dos negocios. O mesmo tem acontecido com as conferencias para o desarmamento. A

guerra aduaneira corre parelha com a fabricação de submarinos e cruzadores, aeroplanos e canhões. Um pavor reciprooo arrepia os povos.

A Humanidade é tomada do terror de si mesma.

No campo do pensamento, a desordem é porém, maior. Podemos ainda passar para estas linhas as palavras de Farias Brito, escriptas no começo deste século: "Todos sentem, no estado presente do mundo, um mal-estar indefinivel, uma agonia tremenda. Já não é sómente nas camadas inferiores da sociedade que isto se nota. Tambem os chefes, tambem os que se acham á frente dos movimentos politicos dos povos, constantemente estão a se queixar" (1).

"Qual o espectaculo" — prosegue Farias Brito — "que nos offerecem presentemente as luctas dos povos? Observae e vereis que é o mais desesperador e terrivel, sendo que jamais passou a consciencia humana por tão violentas agitações. Em primeiro logar, debaixo de uma certa apparencia de desenvolvimento e de cultura, em toda a parte do-

(1) Farias Brito, "Finalidade do mundo".

mina a injustiça" (1). E commenta ainda o grande pensador brasileiro: "... ao absolutismo do papa e dos reis, succedeu, nas democracias o absolutismo dos capitalistas e banqueiros, mil vezes mais detestavel" (2).

O desprestigio das forças moraes, a incapacidade de acção da intelligencia humana em face do desenvolvimento cégo das forças materiaes da sociedade são uma consequencia do extremo individualismo, que domina tambem as actividades do pensamento. "A québra do sentido de unidade espiritual" — escrevi em "Psychologia da Revolução" — determinou, no transcurso do seculo, a fragmentação da Intelligencia Humana e seu consequente desprestigio em face de uma unidade economica cada vez maior".

O seculo XIX foi de analyse, de fragmentação, de individualismos agudos e unilateralidades arbitrarias, tanto na sciencia como nas artes, tanto na moral e no direito como na politica.

Cada capitulo de determinada sciencia transformou-se em sciencia particular. As especializações exprimem, não só um grande sentido technico, mas,

(1) Farias Brito, ob. cit.
(2) Farias Brito, ob. cit.

principalmente, um sentido de divisionismo e de parcialismo caracteristicos de uma época historica.

O panorama que nos offerece este começo do século XX é de anarchia, de confusão cahotica. Alguma cousa está morrendo... E' a Terceira Humanidade, a Humanidade Atheista.

Sobre a Terra inflammada de odios comburentes, perpassa o gemido do Homem! Atravessando os espaços planetarios, a Terra leva consigo, pelos roteiros gelados do Infinito, a tragedia do Pensamento e o desespero dos corações. E' a flôr da vida, que sobre os escombros e as dôres de um inverno melancolico, renasce numa mysteriosa primavera de angustias...

E' do seio da Noite que nasce a Madrugada. Já se notam os primeiros signaes da aurora, na espessa treva gemente!

OS TEMPOS NOVOS

Mas, os que são moços pertencem á outra Humanidade, que está nascendo. E que saberá, em cada paiz, crear novos padrões de cultura, de moral, de direito, de administração e de politica. E creará uma nova autoridade, baseada numa concepção de origem e de finalidade do mundo. E

creará um novo processo de relações sociaes e economicas. E creará o Estado Integralista, consultando, a um tempo, a aspiração de Infinito da creatura humana e as contingencias da vida material. O Estado, que salve o homem da dictadura cruel do materialismo finalista e da dictadura sem finalidade da plutocracia democratica e das olygarchias politicas e financeiras. O Estado, que defenda o Individuo contra a Sociedade e a Sociedade contra o Individuo. O Estado que seja o impositor do equilibrio, o mediador maximo, o juiz, o orientador, o propulsor. O Estado capaz de renovar-se, por si mesmo, "de conformidade com as novas e crescentes necessidades da vida humana" (1). O Estado que procure suas origens na propria origem do Universo e do Homem. E rume para a finalidade suprema do Espirito, integrando nas suas proprias forças todas as forças humanas superiores. O Estado que faça circular as producções estagnadas e arranque da avareza accumuladora do ouro o sceptro com que esta impéra sobre os governos do mundo, anesthesiados pela democracia.

Esse Estado realizará a possivel felicidade na

---

(1) "Psychologia da Revolução", do autor.

Terra, baseada na confiança em Deus, no amôr do proximo, sem precisar excluir os valores scientificos, mas subordinando a sciencia a um pensamento superior de finalidade humana.

A philosophia, a sociologia, a economia, a sciencia, a literatura, as artes, a politica terão no novo Estado a sua expressão integral.

No Brasil, esse Estado será realizado muito em breve e marcará o inicio de uma éra em que se affirmará a Quarta Humanidade.

A QUARTA HUMANIDADE

A primeira Humanidade foi polytheista; a segunda monotheista; a terceira atheista. Como será a quarta?

O "homem telurico" de que fala Keyserling no seu estudo sobre a America Latina, está muito proximo, pelas suas raizes ethnicas do selvagem polytheista do Novo Mundo. E' preciso não tomarmos o polytheismo de um modo superficial, segundo as expressões meramente formaes dos *totems* e *tabús*. Ha qualquer cousa mais profunda na adoração dos fetiches: ella é, ao mesmo tempo, um signal da revelação divina, e um indice de com-

munhão cosmica. E' a inter-correspondencia entre os complexos psychologicos e o complexo cosmologico. Não é apenas na mythologia que devemos estudar a indole polytheista, mas no material linguistico, nas raizes vocabulares, na analogia das imagens que estabelece intimas correspondencias entre o "concreto" e o "abstracto".

A raça brasileira e, de um modo geral, a sul-americana, tem um sentido cosmico originado das fontes ethnicas. Cumpre observar que as ondas imigratorias aryanas e semitas, que se espraiam em nosso continente, não alteram a physionomia profunda da alma americana. Assim como existe um meio physico, existe um "meio ethnico" imperativo.

Essa origem proxima da Terra apresenta-nos como que a transposição de planos historicos, transladando as éras primitivas para o seculo da Machina. A idade de pedra convive com a idade do radio. O luxo modernissimo de Copacabana é contemporaneo das malócas e tabas selvagens.

***

Isso, que parece não ter importancia apparente, é um factor decisivo na massa social. Possui-

mos, em plena virgindade de intelligencia, a subtil penetração, a percusciencia, a acuidade de instinctos, que revelam a infancia ainda sob a impressão forte dos quasi imponderaveis segredos da natureza.

As idéas nitidas do espiritualismo christão que nos trouxeram os jesuitas, logo após a descoberta, ganharam uma forte vitalidade, impregnando-se do ingenuo espirito de uma raça cosmica. O christianismo, como revolução espiritual profunda, é a religião por excellencia destinada ao *gentio*. Em outras zonas do globo, o gentio possuia já uma religião organizada: eram os romanos, os gregos, os gaulezes, os germanos, os celtas, finalmente os mouros e os chinezes. Na America, era o homem no polytheismo nascente, ainda não estylizado, por conseguinte, com um accumulo de energia subjectiva poderosa. Através do processo de cruzamentos ethnicos, de amalgamas sociaes, o monotheismo christão absorveu as forças barbaras e refulgiu numa expressão inedita. Si para ser perfeito, o homem deve tornar-se uma creança, conforme affirmam os Evangelhos, a raça americana entra para o christianismo em toda a innocencia candida de uma infancia selvagem.

O estudo das manifestações religiosas das populações brasileiras, em que se mesclaram a mythologia tupy e os ritos africanos, revela-nos o formidavel potencial de energia mystica expressivo notadamente nos grupos sociaes do nordeste. Ha em nossa raça um notavel poder religioso.

Essa physionomia geral da "primeira humanidade", a polytheista, tem uma profunda analogia com o estado de espirito da E'ra da Machina, ultimo estagio da "terceira humanidade", a atheista. O complexus cosmico, predominante naquella, é semelhante ao complexus subjectivo que nesta prepondera. A conjuncção dos dois phenomenos dá ao espiritualismo brasileiro uma força nova. O nosso christianismo tem um sentido de humanidade profundo, uma delicadeza incomparavel, que exprime, de um modo eloquente o proprio temperamento de um povo.

A influencia que sobre nós exerceu a cultura do século XIX e o experimentalismo scientifico, longe de apagar os traços caracterizadores da nossa personalidade espiritual, filtrou-se através das ca-

thedras divulgadoras, abrindo immensas possibilidades ao nosso poder de pesquizas e ao nosso genio inventivo, sem abalar o alicerce de nossa indole moral. O materialismo grosseiro ficou, apenas, no litoral, em alguns aspectos das grandes metropoles.

Uma unidade sentimental assombrosa fixa-se em todas as latitudes. Ella é a base sobre a qual assenta a nossa superioridade de vistas, a largueza de nossos gestos fraternos e hospitaleiros, nosso desprendimento altruista. Nenhum povo é mais amavel, mais coração-aberto. Eivado de defeitos de educação, esse caracter persiste em nossa gente, num vasto sentido de universalidade.

A extensão territorial da America Latina, o desdobramento dos horizontes, a origem proxima do nomadismo das tribus selvagens, tudo isso concorre para crear um espirito novo ao proprio conceito de propriedade. O desbravamento continuo das florestas, os amplos latifundios pastoris, a rarefacção demographica, cream no fundo de nosso espirito um desejo forte de cooperação humana e as correntes immigratorias de todas as raças que

para aqui se dirigem encontram o meio moral propicio aos caldeamentos fecundos.

Do ponto de vista do meio physico, é a America Latina o theatro onde se verificará, da maneira mais promissora, o nascimento de um typo novo de humanidade. "A zona inter-tropical" — escreve Alberto Torres (1) — "é o berço do animal humano: foi em climas medios, ou calidos, que se fixou o typo mais perfeito do reino animal; ahi floresceram as primeiras e mais luxuriantes civilizações; para ahi convergem, naturalmente, as aspirações e desejos dos homens de todas as regiões. Só o exgotamento do solo, a proliferação das populações, as incursões barbaras e as guerras conseguiram arremessar grandes massas de populações para zonas frias. E' natural que o homem tente voltar para seu berço, sempre que ahi encontre terras ferteis e climas propicios á vida".

Em seu livro "Raça Cosmica", o sociologo mexicano José de Vasconcellos estabelece, para a "quarta humanidade", para a civilização do futuro, o trecho da America comprehendido entre as bacias do Amazonas e do Prata. E', mais ou menos, a opinião de Keyserling.

---

(1) "Organização nacional".

Cumpre ainda notar que a marcha das civilizações, desde os tempos historicos, realiza-se no sentido do Oriente para o Occidente. Agora, que a decadencia da civilização européa é proclamada pelos proprios pensadores do Velho Mundo, aproxima-se o dia da America Latina, uma vez que a America Anglo-Saxonia floresceu dentro da agonizante civilização da Europa.

*
**

Si apreciarmos o aspecto economico do mundo, verificamos que a civilização da Terceira Humanidade, a atheista, teve uma base na hulha e no petroleo. As industrias se desenvolveram e os capitaes se accumularam nas regiões do globo onde esses combustiveis se encontravam em maior quantidade. Consequentemente, a concentração do ouro nessas regiões do planeta. Dentro do espirito da crescente internacionalização do commercio, e subordinando-se o conceito do "meio circulante" aos padrões fixos e estaticos do ouro, a civilização da hulha e do petroleo produziu o desequilibrio economico do mundo, dividindo as nações em cathegorias de grandes potencias capitalistas e industriaes e povos coloniaes e semi-coloniaes. A America do Sul tornou-se uma semi-colonia. Nessa situação, os

seus credores, para justificar a oppressão e o latrocinio, divulgaram a falsa theoria da superioridade racial. Esse typo dolico-louro, que nos tempos em que a navegação nos "mares tenebrosos" dependia de heroismo, não descobriam nenhuma terra, passaram a ter a hegemonia dos mares já descobertos, quando o heroismo foi substituido pela machina a vapôr. Então, para explicar os seus progressos, começaram a medir os craneos, proclamando a inferioridade dos povos morenos, inclusivé da raça latina.

Hoje, a applicação da electricidade vae derrubar definitivamente o orgulho das raças que se dizem superiores. A electricidade, affirmei em 1923, num discurso na Escola Superior de Mecanica e Electricidade de São Paulo, vae ser a grande fraternizadora dos povos. Realmente, o progresso technico torna-se cada vez mais assombroso. Isso trará, como resultado, o crescente aperfeiçoamento da Machina, o augmento, em proporção geometrica, da sua efficiencia na Producção e na perfectibilidade dos artefactos. O producto industrial, cujo preço é mais elevado que o do producto agricola, torna-se hoje mais caro por dois motivos que a machina vae eliminando progressivamente: 1.°) A mão

de obra, cujas necessidades, até agora, tem exigido maior numero de trabalhadores do que a agricultura; 2.°) O menor volume de producção em confronto com a producção agricola.

Quanto mais a machina se aperfeiçoar, quanto mais efficiente ella se tornar, teremos como consequencia: a vulgarização em massa dos artefactos, o augmento da offerta, pelo barateamento e perfectibilidade dos productos.

Dentro das proprias leis da Economia Classica, a predominancia do producto agrario sobre os productos industriaes vae ser uma fatalidade neste século. Uma fatalidade que virá do proprio progresso technico. Eis porque este novo seculo, ainda nisso se parece com os tempos primitivos das sociedades humanas: elle retornará á grandeza da agricultura. Nesse dia, que não está longe, os paizes de vastos latifundios terão hegemonia economica. Não deve assaltar-nos a menor duvida em affirmar, que antes do crepusculo do século XX, a America do Sul, e particularmente o Brasil, terão uma importancia economica decisiva no mundo.

Os caldeamentos ethnicos que aqui se processam, estão produzindo um novo typo de humanidade. Seus caracteristicos fundamentaes são:

a)—A agudeza dos instinctos, pela proximidade ethnica com o selvagem, intimamente ligado a subtis inter-correspondencias com o meio-cosmico. Essa fina intelligencia do nosso caboclo, desconfiado, arguto, capaz de comprehender tudo por um simples olhar, é uma expressão humana genuinamente nossa.

b)—A extrema bondade, que tem a candura infantil dos povos-creanças, e que nos dá uma capacidade moral inigualavel para considerar os problemas sociaes e internacionaes de um ponto de vista superior, isento dos pavores e odios que solapam os povos antigos.

c)—A profunda espiritualidade, que confere ao nosso sentimento christão uma pureza inattingida por outros povos.

d)—A tenacidade na lucta, já provada em quatro séculos de desbravamento das florestas, da escravidão economica, da pobreza de combustiveis, numa obra sem igual no mundo.

A organização da nossa agricultura e da nossa pecuaria é o maior milagre racial destes ultimos

tempos. Quasi igual porção de territorio, só foi desvirginada pelos Estados Unidos da America do Norte, porém, em circumstancias economicas muito mais favoraveis. Quando da independencia do Brasil, em 1822, só o Estado de Virginia, nos Estados Unidos, extrahia 50.000 toneladas de hulha, avolumando-se essa producção até attingir a metade de toda a producção do mundo. Isso facilitou o desenvolvimento das vias-férreas, cujo criterio de penetração era o opposto ao nosso. No Brasil, só se constróe a via-férrea, quando a zona a ser procurada já tem valor economico. Antes dos trilhos ia o homem, com seus carros de bois e tropas de burros. Nos Estados Unidos, dava-se o contrario: iam primeiro os trilhos, dada a facilidade do combustivel e do aproveitamento do ferro. A organização, portanto, da agricultura no Brasil, foi uma obra heroica, sem precedentes no mundo.

Com essas caracteristicas, podemos affirmar, sem receio de engano, que um grande destino está reservado a este Continente, logo que se quebrem os principios politicos orientadores do mundo occidental e sob cujo prestigio, os povos têm sido escravizados.

Vae se approximando a hora em que surgirá a grande civilização atlantica. Desde já precisamos preparar as novas gerações, para uma larga politica continental. A America Latina está destinada a formar uma verdadeira confederação. A união mais intima entre os americanos meridionaes dará a cada povo de nossa America uma segura independencia economica. A implantação de Estados Integralistas em cada uma das nações do Continente, será o primeiro passo que temos de dar em conjuncto. Esse movimento, que se iniciou no Brasil, deverá extender-se pelos paizes sul-americanos. A suspensão de todas as barreiras alfandegarias entre esses povos e o mais intimo intercambio cultural e espiritual devem ser a preoccupação immediata dos Estados Integralistas Sul Americanos. Com essa solida estructura economica e moral, poderemos nós, povos escravizados, erguer a cabeça e solucionar conjunctamente as nossas insolvabilidades, a nossa situação de tributarios explorados pelo Super-Capitalismo anti-christão.

Luctando pela libertação da America, devemos realizar o sonho de Bolivar.

A "lucta de classe", que atormenta a Europa, nós poderemos evital-a, fazendo o que a Europa não fez quando era tempo. A onda syndicalista, de forte sentido soreleano desencadeou-se no Velho Mundo favorecida pelo stoicismo do Estado Liberal, indifferente diante do espectaculo tragico de lucta entre oppressores e opprimidos. E' que uma philosophia materialista dominou as nações européas. Todas as injustiças foram justificadas pelo "struggle for life" de Darwin, systematizado pelos evolucionismos spencereano e haeckeleano. E' essa mesma philosophia atheista, que nega o valor espiritual do Homem, a que serve de base ao socialismo experimental de Marx.

***

Em philosophia, a Terceira Humanidade adoptou a palavra magica "evolução". Em politica, adoptou a palavra "lucta". E, assim, todo o espectaculo do mundo moderno é um espectaculo de embates de antagonismos inconciliaveis. No campo da economia, é a lei da concorrencia, estabelecendo a "lucta commercial"; a liberdade de contracto estabelecendo a "lucta de classe"; na esphera da politica interna é a lei do suffragio, estabelecendo a "lucta dos partidos"; nos dominios da politica externa, é a lei do nacionalismo-economico-militar, sem base ethica, estabelecendo a "lucta das alfandegas" e a lucta surda das diplomacias hypocritas e das secções secretas dos estados-maiores dos exercitos.

A "lucta pelo direito", que Von Ihering desdobra, num impressionante panorama, revela todo o aspecto de uma civilização em que o Homem está entregue a si mesmo sem uma philosophia, uma crença que lhe forneça regras para as acções. Evidencia, ao mesmo tempo, o sentido profundo de batalha permanente em que o Estado liberal-democratico, materialista e stoico, lançou a sociedade.

A lei do Século XIX é a lei da violencia. E assim como o individualismo desenfreiado e egoista inspirou os codigos civis e commerciaes, abrindo nas arenas dos fôros a degradante batalha dos sordidos interesses, elle inspirou a revolta das classes trabalhadoras cuja lucta Sorel systematiza em suas "Reflexões sobre a violencia", que se tornam a biblia dos agitadores das massas.

O combate não é apenas entre o Capital e o Trabalho. Elle se desdobra, estabelecendo terriveis

disputas entre o Capital e o proprio Capital, segundo o proprio rythmo exposto por Marx; e entre o "trabalho" e o proprio "trabalho", que fica entregue ás leis da concorrencia.

*
**

Contra essa cruel civilização, que já agoniza nos estertores das crises economicas, levantar-se-á a nova civilização. Depois da Humanidade Atheista virá a Humanidade Integralista.

E' a "quarta humanidade".

Como um sol que vae nascer, ella já projecta seus primeiros clarões.

Uma nova luz se annuncia no mundo.

E' a Atlantida que resurge.

A nova civilização realizará a grande synthethese.

Synthese philosophica. Synthese politica. Mas, principalmente, synthese das Edades Humanas.

No velho berço da latinidade, ergueu-se o "fascio", como addição de "forças nacionaes"; no Baltico, onde estão os remanescentes aryanos, ergueu-se a "cruz swastica", expressão de um sentido racial e symbolo de movimentos humanos; na

"steppe", a bandeira vermelha desfraldou-se com o velho espirito semita de totalizações humanas, num sentido de materialismo; aqui, no Brasil, o homem arguto, cheio dos instinctos percuscientes que herdou de seus proximos avós selvagens, o "homem telurico" de Keyserling, plasmado dentro dos puros sentimentos espiritualistas e christãos, defralda a bandeira do Sigma. Essa bandeira affirma a suprema synthese e desdobra-se num largo sentido humano e universal.

Nascerá aqui o novo Direito, a nova politica do Estado Revolucionario, com finalidade moral prefixada. Não será apenas o Estado Totalitario, de um absolutismo absorvente, mas o Estado Integral, indice elle proprio das relações dos movimentos sociaes. Nelle, a "revolução" deixa de ser a desordem individualista, classista ou partidaria, para ser o direito do espirito de intervir no desenrevolovimento das forças materiaes da sociedade, recompondo equilibrios segundo um pensamento de justiça.

A lei deixará de ser o tabú rigido, a crystalização do direito despotico, para ganhar aquella plasticidade preconizada já remotamente no Evangelho, quando Jesus affirma: "O sabbado foi feito para

o homem e não o homem para o sabbado" (S. Marcos, Cap. II).

Partindo de uma concepção espiritual do Universo, o Novo Estado será, ao mesmo tempo, realista e pratico. A contribuição experimental e scientifica do seculo XIX, o subsidio de conhecimentos naturaes que advieram da Humanidade Atheista, dará ao Estado Integral os elementos com que jogará no esforço continuo de impôr equilibrios moraes no mundo material. A sciencia não é renegada, mas passa a ser a servidora do Estado, em vez de ser o tyrano que o subjuga.

Por isso que esse movimento que se processa nas vesperas do apparecimento do novo typo de Humanidade, começa por uma obra de revisão do Passado, servindo-se de todos os elementos humanos para a realização da grande synthese.

Em meio ao tropel cambaleante de um mundo que morre, escutamos já nitidamente os passos da Quarta Humanidade.

II PARTE

No Limiar do Seculo XX

O movimento integralista brasileiro é um movimento de cultura que abrange:

1.°) — Uma revisão geral das philosophias dominantes até o começo deste seculo e, consequentemente, das sciencias sociaes, economicas e politicas;

2.°) — A creação de um pensamento novo, baseado na *synthese* dos conhecimentos que nos legou, parcelladamente, o seculo passado.

O integralismo, pois, no Brasil, é bem diverso do integralismo francez de Charles Maurras, porque esse não passa de um "nacionalismo integral", com a preoccupação de restaurar as tradições; diverso é, tambem, do integralismo luzitano, que transplantou o sentido tradicionalista da corrente gauleza, com a tendencia de reatar o processo social moderno ao espirito medievalista; e differente é, por outro lado, não só do "racismo" allemão, cuja

these da superioridade ethnica exprime um prejuizo de cultura, como, ainda, do "fascismo" italiano, ao qual sómente nos ligamos no concernente á nova attitude do Estado, em face da lucta social.

Trata-se, portanto, de um movimento original, genuinamente brasileiro, com uma propria philosophia, um nitido senso destacado na confusão do mundo contemporaneo.

VISÃO POLITICA DO VELHO MUNDO

Até ha bem pouco tempo, os movimentos de idéas, que se effectuavam na Europa, repercutiam no Brasil vinte ou trinta annos depois; desta vez, podemos ter a mais absoluta certeza, vae se dar o contrario: nós é que iremos influir na Europa, cujas condições daqui a dez ou vinte annos lhe permittirão comprehender-nos.

A Europa soffre hoje de numerosos males, porem o peior de todos é o apego a vicios de cultura, a inveterados habitos, preconceitos de doutrina e costumes sociaes e politicos difficeis de serem removidos. Aos prejuizos culturaes de uma civilização capitalista e burgueza, contrapoz-se a superstição e o fanatismo das correntes socialistas.

Nos dois campos, a visão dos problemas é unilateral, de sorte que o Velho Mundo (ao qual podemos juntar os Estados Unidos da America do Norte), tem hoje uma vista vasada, e os que não vêem as cousas unicamente pelo ôlho direito, vêem-nas, tão sómente, pelo esquerdo.

Falta, pois, ao Velho Mundo, o senso das perspectivas exactas, o equilibrio visual, o sentido das proporções, razão porque nos encontramos em circumstancias especiaes para dizer uma palavra nova aos povos.

Essa palavra, nós a diremos, si conseguirmos, livrando o povo brasileiro das theorias capciosas e das influencias dos sectarismos, organizar uma opinião publica sensata, disciplinada, capaz de depositar confiança na elite cultural que estamos, de inicio, creando, com a "Acção Integralista Brasileira".

ELITES DIRIGENTES

A formação das elites dirigentes é o escopo da primeira phase desta campanha. Ella deve firmar certos principios, que servirão de base á nossa consideração do mundo e dos phenomenos sociaes.

Ao mesmo tempo que as linhas geraes do pen-

samento novo forem se crystalizando nessa corrente de espiritos livres e fortes, devemos ir formando a nova consciencia das massas populares, pela divulgação dos conceitos mais elementares, em formas simples e accessiveis. Dessa maneira, chegaremos á fixação de ideaes definidos, num povo disciplinado e consciente de seu destino.

A mobilização de pensadores ,estudiosos, intellectuaes, é condição fundamental do exito desta campanha. São elles que devem transmittir ao povo o conceito sereno da verdade.

VERDADES DA "DIREITA" E DA "ESQUERDA"

Em vos falando da verdade, pergunto-vos: existe uma verdade da "direita" e outra da "esquerda"? Onde está a verdade? Como attingirmos a verdade?

Respondo-vos, dizendo que não existe uma verdade da "direita" ou da "esquerda", porque no systema do mundo, na essencia do cosmos, não existe nem "esquerda" e nem "direita", e sim condições de movimentos e processos de expressão de forças eternas, de um modo immutavel.

A *Verdade* está no *Absoluto* das cousas e nós a attingiremos, pela concepção integral do Universo.

Eis ahi como o nosso integralismo supera todas as correntes de idéas que costumam evocar, para estabelecer comparações, os pouco versados em nossa doutrina.

Não nos limitamos ao terreno economico e social, porquanto partimos da esphera philosophica e estabelecemos um systema de consideração do mundo, segundo o qual subordinamos o nosso pensamento politico. Esse systema não se submette ao angulo estreito das concepções unilateraes, nem tão pouco se restringe ao agnosticismo debilitante da burguezia epicurista ou empirica.

O nosso pensamento tem o sentido expressivo deste século, cujo espirito os pensadores da Europa ainda não apprehenderam. Esse espirito é de *Synthese.*

LIBERTAÇÃO DO HOMEM DO SECULO XX

O integralismo brasileiro, portanto, não vem condemnar e proscrever, de um modo absoluto, as

philosophias do seculo passado; vem ampliar-lhes o angulo de visão, vem subordinal-as a um conjuncto considerando-as simples annotações subsidiarias ao novo pensamento constructor.

A nossa preoccupação é libertar o homem do século XX dos preconceitos do século XIX. Não se trata de destruir completamente o seculo passado, mas inaugurar um novo sentido, que é o da nossa época. Para readquirir o senso de independencia da verdade social, declara Henri de Man, que teve de libertar-se, não só das conclusões marxistas, mas do modo de pensar marxista, isso porque (explica elle) essa maneira de pensar "não é mais do que uma forma particular de uma mentalidade geral, herança do século anterior, que obscurece quantos têm soffrido sua influencia intellectual. (1)

O processo do pensamento do seculo XIX tomou sua base nas sciencias naturaes "e consiste em applicar o principio da casualidade mechanica, que se manifesta na technica, á interpretação dos factos psychicos". (2)

---

(1) Henri de Man, "Mas alá del marxismo".
(2) Henri de Man, ob. cit.

Essa a natureza do pensamento do século XIX, o seu grande preconceito e a fonte originaria de todas as suas contradicções.

O século passado foi de analyse, em todos os campos do conhecimento. Durante mais de cem annos, as sciencias se delimitaram e, dentro dessas sciencias, os objectos do conhecimento foram considerados segundo aspectos isolados. Esse processo applicou-se, desde a chimica ao direito, e desde a geographia á psychologia experimental. E, ao mesmo tempo que a sciencia dividia e subdividia o mundo na sua expressão objectiva, as philosophias subordinavam a apreciação do *Absoluto* a quadros fixos e estreitos do experimentalismo scientifico.

Era natural que a politica recebesse a influencia desse processo de considerar e de pensar. E, como a philosophia, derivando da sciencia, renunciava todas as suas prerogativas e restringia o seu poder, pouco, ou quasi nada poderia offerecer á politica, de sorte a dar-lhe uma capacidade sufficiente para conter o complexo phenomeno social segundo as concepções de origem e finalidade, de espaço e de tempo, de acção e reacção.

Assim, o século passado, que foi um dos mais

fecundos da Humanidade, pelos elementos que forneceu ao nosso, nada poude dar a si proprio.

Hoje, que contemplamos á distancia, a prodigiosa vibração mental do século XIX, podemos concluir o que não concluiram os que viveram dentro delle, isto é, podemos definir o sentido geral daquelle periodo, incontestavelmente glorioso da Humanidade, e apreciar a grande determinante da época presente.

Por ahi se vê que o integralismo brasileiro, considerado como pensamento philosophico e methodo de critica, nem se apresenta como destruidor do passado, nem como inimigo do século XIX, e sim como uma natural continuação de ambos. Trata-se, principalmente, de uma questão de nova perspectiva.

PHYSIONOMIA DO SECULO XIX

A ultima metade do século XIX caracterizou-se pelos rumos originados de um só facto que foi a collocação, no mesmo plano, da philosophia e da sciencia.

A sciencia, pelo seu caracter experimental, materializou a philosophia, e esta, pela sua indole metaphisica, logo contagiou a sciencia, perdendo a primeira a sua transcendentalidade e a segunda ganhando um tom supersticioso, que passou a dominar o mundo, á força de generalizações e prophecias.

Como consequencia, as ultimas décadas do século XIX foram governadas pelas hypotheses, ás quaes se emprestou mais valor do que aos dogmas. E a humanidade que, no dizer de Kant, despertára do sonho dogmatico, adormeceu, de novo, no somnambulismo agitado das supposições transitorias.

Taes supposições, no emtanto, foram uteis, consideradas como pontos de partida para a apreciação objectiva e particularizada dos phenomenos. Abriram-se novos capitulos ás sciencias, que adquiriram maior vitalidade, justamente por se tornarem aprioristicas, máo grado a affectação de seus methodos inductivos, em consequencia de suas preoccupações "de provar", "de demonstrar". Origina-se desse hybridismo philosophico scientifico, a extraordinaria contribuição das pesquizas experimentaes. O determinismo materialista mobilizou um cabedal enorme e inaugurou sciencias novas, que vêm desde a geographia social e a anthropologia,

até aos recentes methodos pedagogicos e psycho-analyticos.

O espirito da philosophia readquire o sentido grego da consideração do universo, abandonando completamente a concepção theologica.

Nem por isso, a propria tendencia ao materialismo hellenico (que já se esboçára muito antes e fôra o proprio sôpro animador da Encyclopedia), deixaria de transportar, para o seculo passado, o conceito, tambem grego, do idealismo de Platão.

Constitue este a essencia profunda de um dos movimentos mais notaveis da philosophia: o hegelianismo, que trazia as mais graves e surprehendentes consequencias.

DEPOIS DE HEGEL

Representa Hegel uma encruzilhada de que partirão dois adversarios irreconciliaveis: os materialistas e os idealistas.

Os materialistas-evolucionistas, com a contribuição da dialectica hegeliana, se chamarão "marxistas". Karl Marx traz comsigo tres procedencias que o marcam: o mysticismo anarchista, embora Marx affirme ligar-se ao utopismo socialista de

Saint Simon; o determinismo evolucionista; e a dialectica de Hegel. A corrente contraria, dos néo-hegelianos, idealistas e dialecticos, prosegue num sentido realista na consideração do mundo, approximando-se da corrente espiritualista, cuja expressão dominante é a néo-escolastica.

De um lado, desenvolve-se a linha que, partindo da dialectica de Hegel, se inclina para o evolucionismo, depois de transitar pelo conceito do materialismo dynamico de Fuerbach, por sua vez preso ao materialismo de Buchner. De outro lado, desenvolveu-se a corrente que, partindo tambem da dialectica, sem rejeitar o primado da idéa que representa a propria essencia do néo-platonismo hegeliano, approxima-se de certa forma do sentido espiritualista da existencia. Opera-se, gradativamente, neste campo, a conjuncção de dois mundos, a harmonia de dois conceitos: o da "idéa em si", e o da "idéa segundo seus movimentos"; a logica formal não constitue uma contradicção com o novo processo de pensar e conceber o universo: a logica hegeleana não é mais do que uma nova expressão dymnamica de velhos conceitos estaticos. E quando, finalmente, o seculo XX, com uma maior capacidade de comprehender "conjunctos de movimen-

tos", colloca Hegel no seu logar exacto, como um trecho apenas das expressões totalitarias do mundo, a tradição aristotelica está de pé. E, emquanto uma corrente do pensamento do seculo XIX vae ligar-se ao epicurismo e ao pantheismo dos gregos, a outra vem restaurar o prestigio da concepção aristotelica, aproveitando-se dos novos cabedaes de conhecimentos que o século XIX lhe fornece.

São as duas faces extremas do pensamento occidental: uma de affirmação em todos os sentidos, outra de negação completa.

CONTRADICÇÕES DE MARX

E' aqui que se evidencia a contradicção marxista. A philosophia de Marx parte do principio da precedencia da materia sobre o espirito. No começo existiu apenas a materia; depois veiu a vida; finalmente a idéa, e, em ultimo plano, o espirito, o qual não passa de um mero clarão da materia. A doutrina do materialismo historico baseia-se no presupposto *da idéa da negação da propria idéa*. Ella tem, portanto, uma origem idealista. Afastando-se do apriorismo dogmatico, vae cahir, por sua vez no apriorismo scientifico, logo transformado em novo dogma. Negando o primado da idéa, afasta-se de Hegel, deste acceitando, apenas o processo dialectico, que constitue o novo fanatismo marxista. Originando-se indirectamente de Kant, contradiz os methodos kantianos, pretendendo considerar provado aquillo que o relativismo do systema critico declarara inaccessivel de prova. Cáe, assim, mais do que no idealismo néo-platonico de Hegel, no proprio apriorismo dogmatico, e emquanto declara morta a philosophia antiga, elle mesmo, o marxismo, reata a tradição theologica, partindo de um presupposto intransigente, que é a negação da precedencia da idéa e do espirito sobre a materia. E' a religião do atheismo, intransigente como os maiores fanatismos. Aliás, Sorel procura desculpar o socialismo marxista, escrevendo: "A religião não é a unica occupante das profundezas da consciencia: os *mythos* revolucionarios assentam-se alli com as mesmas prerogativas" (1). Essa phrase de Sorel mostra como os marxistas acreditam pouco na sua sciencia . . .

Os discipulos de Marx pretenderam defendel-o, dizendo que elle puzera de pé a dialectica de

(1) "Reflexões sobre a violencia".

Hegel, que até então andára de cabeça para baixo. Nada mais errado, porque o idealismo é a essencia da dialectica; esta não passa das duas pernas que caminham. Foi Marx, acceitando a dialectica e rejeitando a idéa, que pretendeu uma philosophia de pernas para o ar.

O marxismo é, não sómente, unilateral na consideração do mundo, do homem e da sociedade, que elle só visiona do ponto de vista do desenvolvimento das forças materiaes, mas é, sobretudo, contradictorio, porque a negação não passa, em ultima analyse, da propria affirmação. O conceito da precedencia da materia sobre a idéa, representa, elle mesmo, a expressão da primordialidade de uma idéa: a idéa da negação.

Subordinando todo o seu methodo critico ao jogo dialectico das forças economicas e sociaes, o marxismo objectiva a realização da synthese hegeliana, numa sociedade que, depois de transitar pela dictadura do proletariado, possa abster-se dos governos e da idéa do Estado. Nesse ponto, o mysticismo anarchista collabora fortemente na theoria de Marx, mas a dialectica de Hegel esbarra numa contradicção.

*
**

A dictadura do proletariado seria já uma *synthese*, entre a *these* capitalista e a *antithese* socialista. Realizada a *synthese*, ella se transformaria, immediatamente, segundo o processo hegeliano, em *these*, e desta se originaria nova *antithese*, proseguindo, sem cessar, o desenvolvimento do processo dialectico. Entretanto, o marxismo, pela intransigencia dogmatica de sua concepção social e economica, elimina, de antemão, o livre desenrolar da dialectica. A dictadura do proletariado é um interferente, que evidencia o valor da idéa, a sua primordialidade.

*
**

Mas, a contradicção marxista é maior ainda, porque, na consideração dos contrastes sociaes, das idéas oppostas do *Capital* e do *Trabalho*, abstráe todas as consequencias da these fundamental geradora do conceito materialista da historia. Essa these, que precedeu a idéa do Capitalismo e a antithese do Proletariado, é a idéa do proprio materialismo, isto é, a da negação da pre-existencia do espirito e da primordialidade da idéa. Ora, antes dessa these gerar as concepções do Capital e do Tra-

balho, ella teria de gerar a sua contraria, isto é, a sua antithese, segundo o methodo hegeliano. Essa antithese seria a idéa de affirmação da precedencia do espirito sobre a materia. Seguindo a dialectica hegeliana, o espirito negaria o espirito e a materia negaria a materia, produzindo-se a synthese, que seria a affirmação de ambos.

Mas o marxismo, impressionado pelo scientifismo experimental erigido em philosophia de vôo rasteiro, abandonou a idéa primitiva da concepção materialista do mundo e partiu do degráo immediato. Incorre, assim, dentro da sua propria philosophia, num erro inicial; dahi a série de contradicções em que se emmaranha e o empirismo de seus methodos.

Cumpre, ainda, notar que os principios fundamentaes da doutrina economica marxista se baseiam em cathegorias irrevogaveis, taes como "o interesse da acquisição", a lei do "mais valor"; entretanto, Marx propõe uma sociedade futura em novas bases, onde essas leis não terão mais applicação nem cabimento. Por conseguinte, das duas uma: ou essas leis são verdadeiras e a concepção da

sociedade futura marxista é um erro, ou essas leis não são verdadeiras e, nesse caso, a economia marxista não tem base scientifica. Ou então é que a philosophia de Marx tenta fugir do dogmatismo scientifico. Mas, si assim é, o marxismo não passa de uma reacção idealista, portanto, contradiz a si mesmo.

UMA LUZ DO SECULO XIX

Agora, um pequeno elogio ao marxismo. A sua critica ao desenvolvimento economico da sociedade traz uma valiosa contribuição, sob um ponto de vista restricto, embora. Para applical-a, temos de partir do presuposto do predominio de uma civilização baseada no principio materialista. Isto assentado, verificamos que o marxismo projecta intensa luz sobre o panorama da sociedade burgueza e capitalista.

O erro do marxismo é acceitar como definitiva e triumphante, a concepção burgueza da existencia. O que elle nos offerece, como contribuição ao estudo da economia moderna é o desenvolvimento das consequencias do conceito materialista da Historia. Aproveitando-nos de suas observações,

temos de concluir, entretanto, que o marxismo é incompleto, é unilateral, não passa de um simples capitulo baseado numa simples hypothese. Elle já não é uma theoria para moços, porque estes já pertencem ao século XX, que é de revisão geral de valores e de synthetização de conceitos. Depois de Marx, tivemos Einstein. O marxismo é a doutrina do tempo da machina de vapôr, dos teares e da iluminação a gaz. O integralismo é do tempo do radio e das experiencias de Picard. Isso, que parece não ter relação, tem uma profunda relação com os processos de pensamentos. Por isso que Keyserling affirma com muita observação e espirito: "meu filho entende melhor o automovel do que eu, porque elle é do tempo do automovel". O marxismo, pois, foi uma luz que já prestou um serviço. E' contemporanea dos bicos de gaz e lampeões a kerozene. Hoje, preferimos a lámpada electrica.

O PANORAMA BURGUEZ

Consideremos, porém, o terceiro aspecto philosophico do seculo passado. E' a philosophia burgueza. Emquanto os néo-hegelianos e os néo-escolasticos se prendem a Aristoteles e Platão; emquanto os marxistas vão buscar suas raizes mais remotas no pensamento de Epicuro, nós podemos affirmar que a burguezia nos apresenta certos traços que a identificam aos estoicos.

O estoicismo é a philosophia dos povos em decadencia, dos ultimos actos crepusculares das tragedias gloriosas das raças. E' a indifferença, a passividade, a incapacidade de reacção. E esse é o espirito que domina o Estado Burguez. Os governos liberaes e materialistas assistirão indifferentes á passagem victoriosa dos asiaticos destruidores da personalidade humana, como os senadores de Roma, hieraticos nas suas cadeiras, contemplavam a marcha invasora dos exercitos de Alarico. E' o scepticismo anatoliano, flôr exquisita do agnosticismo burguez e do "laissez-faire", "laisser-passer" do liberalismo democratico.

A attitude anti-finalista das philosophias burguezas creou o grande sentido de abstenção, de commodismo fatalista e conformismo estoico. Impossibilitada de viver sem a contribuição do espirito, que é uma das tres manifestações essenciaes do homem, essa civilização creou, como impulsionadores da marcha politica, pobres fetiches e deuses debeis, que deveriam co-honestar vagos principios de

moralidade, de harmonia social. A religião da Humanidade de Comte, ou a philantropia do pragmatismo americano não passam de superstições, destinadas a substituir o elemento espiritual abandonado.

Desde a Encyclopedia e, principalmente, depois da Revolução Franceza, a sociedade burgueza começou a crear ficções, que através de todo o século XIX, até o começo deste, vieram denominando-se: "soberania nacional", "suffragio universal", "civismo", "liberdade", "livre-pensamento", palavras que se transformaram em tabús, como iria acontecer, parallelamente, no rumo marxista, ás phrases: "lucta de classe", "pressão das massas", "socialização dos meios de producção", e outras.

A philosophia e a politica burguezas, de fundo estoico, afinavam-se no sentido de negar a possibilidade da interferencia do homem na modificação da marcha social. Tudo devia subordinar-se ao rythmo normal do determinismo, não sendo, de forma alguma possivel a acção transformadora da idéa. Emquanto o Estado é stoico, a sociedade é epicurista.

O CONFORMISMO MATERIALISTA

O collectivismo marxista parte dessa premissa lançada pela burguezia e prognostica, com admiravel segurança, as consequencias fataes. A differença entre o marxismo e o integralismo está, aliás, evidente neste ponto: o marxismo acceita a premissa burgueza, nós integralistas nos rebelamos contra ella. O marxismo verifica uma situação, subordina-se a ella, e prosegue. Nós verificamos essa situação, reagimos contra ella, primeiro pelo pensamento e finalmente pela acção. O marxismo é uma philosophia de escravos. O integralismo é uma philospohia de homens livres.

A visão estreita da burguezia capitalista é a mesma do marxismo. Mas a burguezia passiva e gosadora é muito mais materialista do que o marxismo. Quem nega está affirmando a seu modo. Mas quem dá de hombros, quem é indifferente diante do drama do homem, esse é que sabe negar com perfeição.

GIGANTES DA MONTANHA E ANÕES NIEBELUNGEN

Entretanto, contrapondo-se á mediocridade do pensamento burguez, e ao opportunismo conformis-

ta dos adeptos de Marx, ergueu-se uma vóz no século XIX, que vibrou como um protesto universal. Foi a vóz de Frederico Nietzche.

Contra o individualismo rasteiro, egoistico, da democracia liberal, e contra o collectivismo, annulador da personalidade humana, o pensamento gritante do creador de Zarathustra tem o valor de uma revolta, sibilando, como um chicote de fogo ás faces do século scientifico.

Em Nietzche encontramos a attitude antichristã de desprezo aos humildes, de glorificação dos homens superiores. Attitude condemnavel de orgulho, de superdivinização dos heróes, ella teve o merito, porém, (tão certo é que Deus fala pela bocca de seus proprios inimigos), de mostrar, no instante em que se delineava a marcha collectivizadora, e annulação completa do individuo, prestes a transformar-se em peça de machina, esta verdade suprema: — O Homem existe!

E Nietzche é a grande luneta de augmento, na hora em que o homem começava a perder a estatura moral e a desapparecer escravizado na massa.

Eis porque hoje verificamos que Nietzche foi tambem um trecho da verdade, deturpada pelas projecções exaggeradas com que se apresentou.

Era preciso que apparecesse Marx, para mostrar as consequencias de uma civilização materialista. Marx, por certo, é o proprio interprete da burguezia, falando uma linguagem extranha, que a sociedade materialista, em pavor, não reconhece. E a vóz de Marx, é a sua propria vóz!

Elle quer a destruição do individuo, que será assimilado, para sempre, no monstro Collectividade. O deus de Comte, burguez prudente e cauto, transfigura-se no Moloch aterrador do socialismo. O homem se animaliza; torna-se menos do que um animal, porque é uma peça de machina.

Sobre esse panorama da miseria, rebôa a vóz de Zarathustra que desce da montanha.

Mas elle, sendo tambem o erro, é o contra-veneno de Marx.

O marxismo quer os anões do Niebelungen; Nietzche conclama os gigantes da montanha.

Nós, integralistas, não queremos nem o anão, nem o gigante, mas, apenas, o Homem.

O Homem Integral.

O GRANDE SENTIDO DO SECULO XX

Acreditamos, como Hegel acreditou, que a grande philosophia é, principalmente, a historia das

philosophias. E, por isso, tomamos de todo o cabedal que nos forneceu o seculo passado, para construirmos, com elle, o século novo.

Não somos ecclecticos; comprehendemos apenas que o rythmo do século XIX foi o rythmo das unilateralidades, das visões parciaes.

O unico sentido totalitario do Universo é ainda aquelle ao qual nos ligamos: o pensamento de Aristoteles, a concepção da unidade differenciada. A contribuição que trazemos, afim de adaptar a essencia desse conceito do Universo ás condições do mundo contemporaneo é a mesma que nos fornecem a sciencia do século passado e as considerações parciaes que nós procuramos synthetizar.

Pretendemos realizar a synthese do pensamento e, por consequencia, a synthese politica.

Sob este aspecto é que o integralismo brasileiro está numa plana muito superior a todas as correntes politicas européas. Somos mais avançados do que o fascismo, no qual, diga-se de passagem, temos muito que observar e aproveitar; deixamos atraz, com uma distancia de 50 annos, o socialismo marxista, o sindicalismo revolucionario (1),

(1) O syndicalismo revolucionario, estructurado segundo a "lucta de classe" de Sorel, é um phenomeno de velhice que

como perdemos de vista, na curva de 100 annos, a liberal-democracia, filha da philosophia materialista e irmã gemea do communismo.

Todas essas concepções foram parciaes, obedeceram ao sentido de analyse do século XIX; mas, nós vivemos o século da unidade, o século integral. Somos de uma época em que as sciencias refluem para um mesmo ponto commum. A chimica, tendo caminhado até ao átomo, proseguiu até os "ions", e na gravitação destes encontrou os segredos eternos das jornadas das estrellas. Na extrema subdivisão da materia, a chimica confundiu-se com a mechanica e encontrou a essencia dos mundos, expressões materiaes do movimento; e, no mysterio dos movimentos, a magia eterna do numero, que Pythagoras presentira. Essa mesma unidade scientifica nos inspira a unidade philosophica e a historia da philosophia adquire um valor novo

se transplantou criminosamente para o Brasil depois da revolução de 30. O Ministerio do Trabalho obedecendo inconscientemente ás ordens da Internacional Communista, escravizou o operariado, a serviço do bolchevismo. Esses velhos timbram em envelhecer nossa Patria.

para nós, integralistas brasileiros, que somos os primeiros homens novos do século XX. O nosso pensamento totalizador offerece-nos os elementos para a realização da synthese sociologica de que resulta a Nova Economia e a Nova Politica.

A nossa concepção do mundo, sendo totalitaria e realista, leva-nos a considerar o homem, não um animal superior, segundo o entendem os materialistas, nem tão pouco um "cidadão civico", á semelhança da liberal-democracia, mas um ser complexo, com triplice aspiração: material, intellectual e moral.

Apreciando ainda o homem, segundo as suas realidades, comprehendemos como suas projecções naturaes a Familia e a Patria, impositivos tão evidentes como a propria existencia do sêr humano. No trabalho e na luta pela subsistencia, reconhecemos a justa aspiração ao conforto material, o qual não deve estar á mercê dos caprichos do individualismo oppressor, que caracteriza a civilização burgueza e capitalista. Aprehendendo o desenvolvimento economico da sociedade, segundo os dois factores: do "movimento das forças materiaes" e da "interferencia da força da idéa", apreciando aquelle do ponto de vista determinista, e tomando

esta na expressão do livre arbitrio, nós proclamamos a existencia e continuidade de uma dynamica social, cuja origem mais remota encontramos no sentimento da moral e da justiça, com fundamento espiritual (1.) Acceitamos, em consequencia, o principio da permanencia do phenomeno revolucionario, não sob o criterio marxista, porque este se afasta da concepção dynamica da sociedade, subordinando-a ao pacato determinismo evolucionista, mas, sob o criterio espiritualista, da dualidade das expressões do Universo, do jogo entre o objectivo e o subjectivo, numa palavra, do movimento de dois mundos: o da materia e o do espirito.

***

O desenvolvimento das forças economicas da sociedade, submettido ao fatalismo cégo da materia, crêa, em relação ao nosso interesse, situações de desequilibrio, pelo qual é indifferente a inconsciencia da materia, que será sempre a inalteravel Pandora a que se refere Machado de Assis nas páginas de Braz Cubas. E' então que se verifica a interferencia da idéa como manifestação do espirito. A esse phenomeno, denominamos "revolução", a

(1) Este pensamento vem esclarecido no livro "Psychologia da Revolução", do A.

qual tem um caracter éthico, um fundo moral, um cunho espiritual.

Sem chegarmos aos exageros de Nietzche, ou ao conceito absoluto da Idéa Força, desse magnifico pensador da Italia nova, que é Adriano Tilgher, nós ampliamos o pensamento de Bergson, quando affirma que cada um de nossos actos indica certa inserção de nossa vontade na realidade. "São as linhas da acção-possivel", diz ele. E' a permanencia da revolução, dizemos nós.

Dahi declararmos nós, os integralistas, que o marxismo é contra-revolucionario, porque se subordina ao criterio do fatalismo evolucionista da materia inconsciente.

A philosophia materialista que inspira o communismo marxista é a mesma adoptada pelo capitalismo para justificar a oppressão do proletariado. A sociologia mechanica de Spencer, assim como a sociologia positiva de Comte baseiam-se na evolução natural. Tudo foi negado ao espirito, tudo se subordina ao determinismo das forças naturaes. O "struggle for life" de Darwin é a mesma lei inspiradora da Economia Liberal: o dominio do mais forte foi o principio moral. Esse criterio é anti-revolucionario. Entretanto Marx se subordina a elle.

Em philosophia segue a linha nitida dos materialistas burguezes. Em economia, declara-se continuador de Adam Smith. Para sermos anti-capitalistas, precisamos ser anti-communistas.

O NOVO CONCEITO DO ESTADO

Comprehendendo assim o phenomeno revolucionario, como interferencia de uma idéa no sentido de restabelecer um equilibrio, crêamos a nossa concepção de Estado, de finalidade prefixada, porém, de plasticidade revolucionaria. O Estado, para nós, integralistas, é o interferente modificador. Nos séculos anteriores ao nosso (e eu incluo como ultimos episodios de um periodo que se extingue, a revolução russa e todas as revoluções fascistas) a tarefa revolucionaria cabia a individuos ou grupos de individuos.

O Estado que concebemos conterá em si as forças novas, a potencia da idéa creadora e transformadora, porque não será um Estado unilateral oriundo dos caprichos da soberania popular e do suffragio universal, uma simples projecção juridica de um aspecto apenas da nacionalidade, e sim a propria Nação juridicamente organizada.

A subordinação das forças economicas e sociaes da nacionalidade ao Estado, a transposição da lucta social, do embate economico para o ambito estatal, o estabelecimento de normas plasticas, de leis flexiveis (como já preconizava Alberto Torres) á adaptação do pensamento philosophico e do conceito juridico ás realidades e transformações do organismo nacional, eis o escopo integralista. Essa concepção do governo dos povos, já preconizada por Santo Agostinho, ganha hoje opportunidade e exprime uma actualidade palpitante. E' que o mundo moderno nos offerece o espectaculo de uma inexoravel marcha social, que se accelera á revelia do poder do Estado.

E isso se explica. O Estado liberal é uma idéa parada, emquanto a sociedade é uma idéa transformada em *facto* e que se poz em movimento, segundo as leis que presidem á evolução determinista da materia. Fixando-se o Estado no seu conceito formal, deixou de ampliar a sua capacidade de acção, emquanto o progresso social ampliou o seu volume. Verificou-se o desequilibrio. O Estado não poude mais conter as forças em conflicto. E,

faltando ao Estado capacidade creadora de interferencia e de acção, surgiram os individuos, actuando nas massas populares, no sentido revolucionario, isto é, desempenhando um papel que cabia ao Estado.

Ainda aqui encontramos um erro da theoria marxista, quando inclúe seus proprios lideres na massa proletaria. Essa massa nunca seria capaz de fazer a revolução; ella foi modificada, orientada e commandada por ideologos e caudilhos. Por isso, que Henri de Man, que é insuspeito por ter sido marxista, conclue que não existem duas classes (Capital e Trabalho), e sim tres: Capital, Trabalho e Intelligencia.

De facto, as revoluções, até hoje têm sido obra de individuos, agindo fóra dos circulos do Estado, isto é, supprindo uma funcção do Estado.

Nós concebemos a revolução como um direito do Estado.

E aos socialistas, que tudo querem socializar, diremos que a primeira cousa que o integralismo pretende ,não socializar, mas estaticizar, é a dymnamica revolucionaria.

***

Só o Estado tem o direito de agir para manter o equilibrio social.

Só o Estado tem o direito de distribuir justiça.

Mas o Estado, para os integralistas, não é o fetiche aterrador do socialismo absorvente. Elle não destróe o Individuo e as suas projecções moraes: a Familia, a Propriedade, a Patria, a Religião.

Justamente porque o Estado Novo é finalista é que elle avoca o direito de ser revolucionario. Para destruir todos os factores que ameaçam situações de desequilibrio attentatorias da intangibilidade do Homem.

O Estado Integral objectiva a sustentação do Homem Integral.

O Homem Integral exprime-se pelos caracteres materiaes, intellectuaes e espirituaes que lhe são inherentes. Um Homem sem familia está muito mais arriscado a ser absorvido e opprimido pelo Estado. O conceito do affecto, da honra, da inviolabilidade da familia collocam o Homem a salvo, não só das arremettidas individuaes de seus similes, mas das proprias arremetidas do Estado.

FAMILIA E PATRIA

A Familia é a defeza moral do Homem que, só em razão della, não se animaliza e só pelo seu respeito não se escraviza. Consequentemente, sustentamos o principio da propriedade. Porque ella é a garantia da Familia, a defesa material do individuo e o élo concreto através do qual as gerações se ligam. A propriedade é a esperança do trabalhador. Motivo porque o Estado Integral se oppõe ao sentido capitalista da civilização burgueza e liberal, pois o capitalismo attenta contra o principio da propriedade, absorvendo, dia a dia, as posses dos pequenos, proseguindo na sua obra marxista de proletarisação das classes medias, suffocando as pequenas iniciativas com juros onerosos e escravizando as nacionalidades através de operações financeiras leoninas. Sustentamos os principios da Familia e da propriedade, na defesa do operario, do pequeno artifice, do lavrador ou commerciante, na defesa das classes medias e liberaes.

Como consequencia, o Estado Integral defende, violentamente a idéa da Patria. Sem a Patria (razão ethica, imperativo espiritual, imposição do affecto e da solidariedade de milhões de filhos de

um mesmo Povo) não se comprehende a defesa, efficiente, pelo direito e pela força, daquelles dois outros principios fundamentaes da felicidade humana: a familia e a propriedade.

A Patria não é uma ficção, mas uma realidade tangente e imperativa. A grande guerra constituiu a fragorosa decepção dos anarchistas e socialistas de todo o mundo. Quando troaram os canhões, na tremenda carnificina — observou com muita exactidão Miguel Reale — debalde se fizeram ouvir os écos dos grandes apóstolos internacionaes que diziam: "operarios de todo o mundo, uni-vos!"; ou: "o operario não tem Patria!". Os eleitores de todos os partidos socialistas do mundo e os adeptos de todos os anarchismos, as massas proletarias syndicalizadas — tudo, tudo partiu para a fronteira.

A vóz da Patria foi uma realidade historica muito mais forte do que a lucta de classe. Ainda hoje, nos Estados Unidos, existe uma liga de operarios nacionaes que desenvolve um combate sem treguas aos operarios extrangeiros. Na provincia de São Paulo, assistimos diariamente á lucta entre operarios extrangeiros e nacionaes e ainda ha pouco, falando eu a uma grande massa de estivadores de Santos e empregados das Docas, fui saudado

por um operario filho do Nordeste, que protestou vibrantemente contra a concorrencia do braço extrangeiro naquelle porto. Eis ahi como o sentimento da Patria é forte e como a chamada lucta de classe pregada pelos marxistas é falsa ,artificial, nos paizes novos e de immigração como o Brasil. Os communistas se commovem com a situação do operario na China e fazem do misero operario brasileiro, tão soffredor, um instrumento da lucta de classe internacional.

AS CONSTITUIÇÕES: RHEUMATISMO DO ESTADO

O Estado Integral vem responder, neste momento, a uma angustiosa situação dos povos. O liberalismo algemou o Estado Democratico com a pesada cadeia das constituições e das formulas juridicas estaticas; e os governos representativos desse Estado perderam toda a autoridade para resolver os problemas mais simples de ordem interna ou de caracter internacional.

O Estado liberal teve a sua opportunidade historica, num instante em que não existiam pendencias, sinão entre individuos. Fixados os direitos nas

leis, o Estado poude derimir as luctas de individuos isolados, evitando que alguem praticasse justiça pelas proprias mãos. A justiça tornou-se como observou Miguel Reale, monopolio do Estado, regulando as relações entre individuos. Mas, no decurso do século XIX, foi-se verificando que o Estado liberal soffria de um constitucionalismo rheumatico, que o impedia de caminhar acompanhando a marcha do mundo. A justiça abrangia limites exiguos e phenomenos muito simples, os quaes ganharam extensão e complexidade.

Tinha ficado fóra da acção do Estado o phenomeno economico, o desenvolvimento dos grupos sociaes. A revelação da existencia dessas novas "cathegorias" teve o século XIX, já na sua primeira metade, com a organização, na Inglaterra, da "Trade Unions", ou reunião dos operarios. Surgiram, por outro lado, entre os detentores dos meios de producção, as organizações capitalistas internacionaes, os grupos financeiros, que adquiriam uma autonomia cada vez maior. Em 1848, Karl Marx lança o celebre manifesto, que illumina como um clarão de relampago os destinos de uma civilização materialista. A constituição dos syndicatos proletarios foi-se alastrando pela Europa inteira. Em

França, consagra-a Waldeck Rousseau. E' o consentimento do Estado para que os grupos do trabalho e do capital se degladiem, procurando mutuamente justiçar-se, á revelia dos governos. A lucta de classe é o cartel do século. O syndicalismo torna-se revolucionario, no sentido marxista, vitalizando-se sob o impulso da concepção de Sorel, baseada nas leis do evolucionismo e do transformismo determinista.

O ESTADO LIBERAL MORIBUNDO

A guerra entre os homens está declarada nas barbas do Estado impotente e ridiculo da democracia liberal. O Capital e o Trabalho, na sua lucta desenfreiada e egoistica, não conhecem autoridade.

Chegámos no fim do seculo XIX, a uma situação curiosissima: *possuiamos um direito para o mundo antigo e estavamos vivendo num mundo moderno.*

Como nos casos de desequilibrio organico, o mundo estava soffrendo de *insufficiencia juridica.* O Estado se atrophiára, conservando-se como um craneo de microcephalo para um corpo de gigante. "O Estado", affirma Engels, referindo-se ao con-

ceito estatal da democracia burgueza, "não será suprimido; elle se extinguirá por si mesmo".

A consideração do novo phenomeno social, que era o apparecimento dos grupos economicos, não inspirava ao Estado sinão medidas empiricas de assistencia e philantropia. Quando o Estado se inquietava diante das gréves e demonstrações proletarias, a burguezia offerecia-lhe as idéas altruisticas, com que mascarava a sua oppressão aos trabalhadores: montepios, caixas de pensão, créches, hospitaes. Era o sentido philantropico das leis, correndo parallelo ao sentido das iniciativas particulares através das quaes o capitalismo burguez se desobrigava dos crimes praticados contra a multidão soffredora.

Essas ridiculas attitudes do Estado são comparaveis aos gestos altruistas das damas da alta plutocracia, fingindo sentimentos de religião e piedade, ao realizarem chás-dansantes e kermesses, tombolas e recitaes, de puro exhibicionismo burguez, em beneficio de necessitados, de um pauperismo creado e mantido pelos proprios crimes de uma sociedade em que se consente a exploração do homem pelo homem. Em ultima analyse, essa magnanimidade exercida á custa do bolso alheio não

passa de uma "camouflage" habilmente exercida pelos oppressores das massas trabalhadoras, pelos desorganizadores da familia proletaria, pelos que attentam contra os principios sagrados do dever á vida e á expansão affectiva, sentimental e intellectual da creatura humana. Na attitude do Estado, que precisa soccorrer-se de expedientes philantropicos, encontramos o espirito tambem philantropico das leis que, á semelhança do elmo de Alberico, celebrizado no "Ouro do Rheno" de Wagner, tinha por fim manter em estado de escravidão assalariada as multidões de trabalhadores, como novos anões do Niebelungen.

Toda a legislação do Estado liberalista em relação ás questões sociaes não passa de cafiaspirina para as dôres de cabeça das Nações, méros tratamentos symptomaticos de enfermidades profundas.

Dessa maneira, a lucta proseguia, tornando-se o Estado simples espectador. Elle vae perdendo, dia a dia, até a sua capacidade politica. Torna-se um instrumento nas mãos dos partidos e estes são manobrados, consciente ou inconscientemente, pelos grupos financeiros, ou pelos agitadores da massa proletaria.

São os grupos financeiros que governan real-

mente os povos, illudindo-os com a prestidigitação dos rumos e embates partidarios, explorando sentimentos populares. Em nosso proprio paiz, temos exemplos disso, porque, em relação a varios acontecimentos da politica brasileira, podemos repetir a grande e eterna phrase: "ha entre o céu e a terra mais mysterios do que sonha a nossa vã philosophia"...

*
**

Consentindo na organização dos capitalistas de um lado e dos operarios de outro; assegurando-lhes o direito de guerra; abstendo-se de intrometter-se na organização social, segundo uma finalidade preestabelecida; repugnando dirigir a economia, porque acredita na utopia de Adam Smith, o Estado Liberal consagra o direito das classes de fazerem justiça pelas proprias mãos, attentando, assim, contra o principio fundamental que rege, no proprio Estado Liberal, as relações entre os individuos, porque a classe é uma reunião de individuos, os quaes, não podem, dentro della, fugir ás sanções do Estado.

Entretanto, o Estado liberal, querendo timidamente enfrentar o problema, não fez mais do

que aggraval-o, quando pretendeu regular a existencia dos syndicatos. Tomando a estes como entidades a-politicas, e permittindo a sua organização livre e plural dentro de cada profissão, o Estado liberal incorreu no mesmo erro em que havia já incorrido, em relação ao individuo isolado, que passou a significar, nas democracias o "cidadão-civico", cujas necessidades materiaes o Estado ignorava.

No caso dos syndicatos, deu-se o contrario: o Estado abstrahiu das faculdades politicas, para só considerar interesses economicos. E, do mesmo modo como o "homem civico" foi agir á revelia do Estado, na conquista da subsistencia, vendendo o voto, tambem o syndicato foi agir á revelia do Estado, nas conquistas politicas, deixando-se escravizar pelos lideres bolchevistas.

E' que o Estado liberal esqueceu-se de que o syndicato tem, não só um caracter economico, mas um caracter ethico e uma funcção politica. E temos o contrasenso liberal: ao cidadão: "deves votar e morrer de fome"; ao syndicato: "terás representantes de interesses materiaes, mas não serás politico, porque não tens alma nem civismo". E' sempre assim o Estado liberal: não concebe os pheno-

menos em conjuncto; vê as coisas de um modo incompleto.

Dahi a situação creada pelo liberalismo syndical: o desenvolvimento mais rapido da evolução marxista da sociedade.

***

A fraqueza e insufficiencia do Estado liberal-democratico manifesta-se em todos os sentidos e, principalmente, nas relações internacionaes.

O mundo soffre hoje de falta de ordem. Emquanto a justiça em relação aos individuos isolados é monopolio do Estado, a Economia é o monopolio de uma classe que se superpõe ao Estado.

Os banqueiros é que governam o mundo.

A velha economia, baseando-se ainda numa concepção estatica da moeda, não póde conter o dynamismo da producção, que a technica accelera numa progressão geometrica.

E' o carro de bois querendo apostar corrida com o automovel.

A organização financeira do mundo actual é um contraste ridiculo com a organização economica. A moeda insufficiente para as consequencias, da racionalização e taylorização das industrias, insufficiente para as consequencias dos progressos technicos, torna-se um entrave ao systema das trócas, é um mobiliario velho atravancando uma construcção nova. Mas o Estado liberal-democratico nada póde fazer, porque algumas leis economicas e financeiras do século passado o algemam completamente. O mundo soffre todas as crises, desde a dos meios circulantes até á dos "chaumages" e armazenamento dos stocks de mercadorias.

O recente discurso de Daladier na abertura da Conferencia de Londres foi expressivo. Diminuição das horas de trabalho e unificação da moeda, propoz o primeiro ministro francez. A' primeira vista, é um remedio simples; porque, na realidade, não existe superproducção de mercadorias e sim incapacidade de poder acquisitivo. Facultada a acquisição a milhões de homens hoje sem trabalho, parece evidente que a situação do mundo melhoraria. Entretanto, a Conferencia de Londres não passou de uma assembléa de mediocres, e isso pelos motivos expostos por Oliveira Salazar, quando affirmou que de nada valeria assentar medidas quando os governos não têm autoridade para cumpril-as.

O mundo moderno está enfermo por falta de autoridade. Por isso os movimentos das juventudes

da Inglaterra, de Portugal, da França, do Japão, da Allemanha, da Italia, da Polonia, da China, da Austria, da Suecia e Noruega, do Chile, da Argentina, em favor do Estado Forte. Por isso, ainda, a ultima crise na politica franceza; o valioso depoimento de Lloyd George, que declara morto o liberalismo; de Caillaux, de Tardieu, de Boncourt, que annunciam a morte do estado liberal-democratico. Por isso, ainda, a attitude recente de Roosevelt, tentando, num supremo esforço e sem alicerce politico preparado, impôr uma dictadura economico-financeira, que tanta repercussão teve no mundo.

A VÓZ DA AMERICA LATINA

E' o rythmo do século. Não podemos fugir delle. Mas — e isto é o mais importante para nós — emquanto os demais povos se movimentam no sentido do Estado Forte, nós vamos mais longe, porque desejamos o Estado Integral, que contem todas as forças e representa o equilibrio perfeito.

O Estado Forte é a transição para o Estado Integral. Um dia, a Europa virá aprender com o Brasil.

Do Continente Sul-Americano sahirá a palavra de ordem. Essa palavra é a mesma que está realizando o maior movimento do mundo actual, como extensão geographica e o mais profundo, como significação cultural e espiritual.

No limiar do século XX, alvorece a Civilização Atlantica. E' a vóz da America pela vóz da Patria Brasileira.

E' a Quarta Humanidade, que vae apparecer no Novo Mundo. Em 1914, antes da Grande Guerra, Farias Brito prophetizou o advento do Integralismo Brasileiro, escrevendo estas palavras (1): "Ouve-se como que o ruido de uma musica distante, a harmonia longinqua de um canto de guerra, como a annunciar a invasão de um exercito salvador, em campo de batalha onde já começavam a fazer sentir os effeitos desastrosos da desolação e do terror, a previsão e certeza da victoria do inimigo. Despertam energias occultas que dormiam ignoradas no fundo da consciencia".

Esse exercito são os "camisas-verdes", batedores dos Tempos Novos, annunciadores da proxima alvorada humana.

(1) "Mundo interior".

III PARTE

- Pelo destino do Brasil - O sentido optimista da obra de Machado de Assis - A Resposta da Atlantida

PELO DESTINO DO BRASIL (1)

Destino dos povos, vontade desconhecida, que ages no fundo das E'ras, através das transformações numerosas e constantes do Espirito do Tempo e das physionomias da Terra;

Força providencial, que determinaste as migrações das raças e tangeste nações em marchas de conquistas, fundando as religiões e estabelecendo os imperios;

---

(1) Esta oração foi lida na Radio Educadora Paulista e publicada no "Correio Paulistano", em 1926. Ella contem o pensamento que esbocei em 1928 em discursos na Camara dos Deputados de S. Paulo e na conferencia que fiz em Ribeirão Preto, sob o titulo "O homem do Brasil"; que ennunciei na na campanha chamada "verdamarelista"; que fixei melhor no manifesto que redigi para a Legião Revolucionaria em 1931; que tornei definitivamente nitido no "manifesto de outubro" com que lancei o integralismo em 1932. E' o mesmo pensamento que me absorve e que está presente em todos os meus livros. Esta oração cabe perfeitamente nestas paginas e serve para esta hora sombria que só os inconscientes não percebem.

Tenhas partido da Asia, ou hajas alli renascido da morte de civilisações millenarias, és tão eterna como o roteiro dos astros, e és agora tão viva no nosso amargurado século XX, como estavas presente quando nasceram os primeiros deuses.

Destino dos povos, revelado na ancia de destruir dos exercitos de Tamerlão e de Cambyses, de Gengis-Khan e de Atila; ou annunciado na febre das construcções que deixaram no Egypto, em Babylonia, na Grecia e em Roma, os signaes das grandes épocas . . .

Tu, que conduzes os povos, que modificas as cartas geographicas, que derrubas e ergues os tyranos, que opprimes as multidões em obediencia a teus secretos designios, e, como as opprimes, as elevas, na gloria das civilizações.

Tu, Destino Mysterioso, que conduziste, pelo deserto, Moysés e o seu povo, dando-lhes agua e maná, mas, sobretudo, offertando-lhes a deliciosa dadiva da esperança; tu, que estiveste presente em todos os tempos, na guerra ou na paz, na destruição e na construcção; nas catacumbas de Roma; no anoitecer do imperio latino; no lusco-fusco da Edade Media; nos laboratorios dos alchimistas; nas meditações dos philosophos; nas rivalidades dos reis; nas guerras das religiões; na epopéa das descobertas illuminando o caminho dos navegadores; no desbravamento das mattas virgens dos continentes virgens; nos rios de sangue da Revolução Franceza; no grande sonho romantico do século passado; nas descobertas scientificas, que vieram do machado de pedra á época do radio; e chegaste, até nós, neste momento angustioso para a sociedade contemporanea . . .

Tu, Destino dos Povos, dá ao Brasil, o seu instante de affirmação, proporciona-lhe a hora da sua palavra no Mundo.

AS FORÇAS INTIMAS DA NACIONALIDADE

Que missão estará reservada a esta grande Patria? Que contribuição trará ella á Humanidade do Futuro? Tudo nos indica que se desafogarão em nós, e aqui desapparecerão, todos os odios de raças ou de religiões, de classes ou de nacionalidades, e um typo de humanidade melhor poderá surgir na Terra Jovem.

E' preciso, entretanto, para que um dia tenhamos o dom da palavra, que não deixemos aqui pre-

dominar nenhuma das feições já definidas da velha civilização que agoniza, depois da Grande Guerra, porque o seu cyclo está definitivamente encerrado...

E' necessario que o brasileiro se expanda de forma que não se annullem, sob as influencias cosmopolitas, as forças intimas que estão no recesso do seu espirito e são a garantia da sua propria personalidade.

A CONFRATERNIZAÇÃO DAS RAÇAS

Nós somos um povo que começou a existir desde a morte de todos os preconceitos, quando as tres raças se fundiram, irmanadas, no exercito selvagem de negros, de indios e de brancos, na aventura guerreira de Camarão, Negreiros e Henrique Dias. Ao casamento das tres raças presidiste, ó Destino Eterno dos Povos, sob a forma de todos os soffrimentos, na lucta bravia contra a Natureza trahidora; na conquista, palmo a palmo, da terra que suou o ouro de Minas Geraes; e derramou esmeraldas como lagrimas verdes, nas mãos de Fernão Dias; e ergueu-se eriçada de catadupas, de onças, de insectos letaes, de flexas e tacapes, para tentar intimidar o passo de sete-leguas, de Raposo Tavares, descortinador de horizontes...

Então, a meiga ingenuidade do indio, raça infantil em permanente communhão cosmica, raça constituida de homens-arvores, virginaes nas suas impressões e nos seus raciocinios porque vinham agora mesmo da terra, misturava-se á onda negra trazida das florestas da Africa no bojo dos navios, para reiniciar o dialogo de Cham com seus irmãos, interrompido na Asia, depois do Diluvio. E o branco arremessou de si todos os preconceitos para abraçar seus irmãos.

Nossa Patria nasceu da confraternização das raças, das grandes nupcias historicas que fundiram numa só aspiração e num só sentimento as tres humanidades. Dahi, talvez, a origem do temperamento brasileiro, do nosso genio hospitaleiro e meigo, pacifico e bondoso; da nossa sensibilidade languida e doce; dos nossos costumes suaves, da nossa capacidade para o sacrificio. Deu-nos a conquista da terra o habito da lucta, o destemor dos perigos, a coragem persistente; porém, a fusão das tres raças iniciaes ensinou-nos o amôr da humanidade, e

de tal modo ampliou a nossa possibilidade de amar, que deante desse sentimento, ruiram todos os preconceitos, todas as prerogativas, como deixaram de existir todos os odios. Povo criança, não conhecemos ainda os rancores que separam as nacionalidades velhas e crêam antagonismos de cultura e choques permanentes de doutrinas, de religiões ou de politica. Estamos na nossa infancia, e, ao olharmos para a nossa brava historia, sentimos a mesma origem de soffrimentos, e verificamos que todo o nosso patrimonio custou o esforço commum dos nossos antepassados. Nada nos separa. A nossa geographia, escreveu-a o branco, com nomes indigenas, e consolidou-a com o suor do negro. Nosso idioma foi amaciado e reuniu cabedaes de expressão oriundos da selva americana e das florestas da Africa. O nosso apêgo á terra é tão forte, no extremo Amazonas, onde o tapuya contemplativo ouve o segredo cochichado das Yaras e da Cobra Grande, quanto no extremo pampa, onde o gaúcho galopa a sua inquietude no rastro luminoso dos boitatás das coxilhas. As populações pastoras de Minas Geraes, o garimpeiro do Araguaya, o homem do café ou da herva matte, os que trotam tangendo tropas em longas estradas, ou se conduzem ao rythmo longo dos

remos nas canôas vagarosas dos largos rios, — nós bem o sentimos, — possuem a mesma alma, porque mysteriosas forças, que vieram desde as primeiras transfusões de sangue, trabalham sem o percebermos, pela unidade do espirito brasileiro.

O RUMOR DAS MARCHAS IGNORADAS

As correntes immigratorias, que nos procuram, terão de renunciar o Passado, condição que foi imposta aos nossos avós, quando pisaram a terra americana. E nós devemos acolhel-as, sem nos sujeitarmos a quaesquer imposições que tragam o cunho de velhos prejuizos europeus, ou que tenham em mira perpetuar, dentro de nossa Patria, feições nacionaes estrangeiras. Assim, nosso espirito nacional deve estar alerta, para que um cosmopolitismo nocivo não venha retardar a palavra que ao Brasil compete dizer um dia ao mundo.

A Ti, Espirito Immortal, que presides aos destinos dos povos e que tantas vezes renovaste a face da Terra, não deve ser extranho esse rumor surdo das marchas ignoradas da nossa Nacionalidade, esta inquietação dolorosa do Brasil Presente, que desperta num momento tão angustioso para a Ve-

lha Humanidade. As gerações detentoras de uma cultura importada ,que nunca representou a realidade nacional, não comprehenderão jamais este afflictivo instante de procura de nós mesmos, este despertar de energias no meio das duvidas.

Destino dos Povos, qual será o nosso destino? Que eternos designios nos fazem passar por esta provação, que é o despertar da Nacionalidade, carregando, como Zarathustra, um cadaver ás costas? Que faremos de todo este patrimonio cultural que tem o peso de tantos seculos e que nos quer esmagar? E, si a carga é pesada, e si cheira a mofo e a morte, como enfrentar, com ella, imperialismos de doutrinas, imperialismos economicos, costumes, habitos, aspirações adventicias, influencias da sensibilidade dos povos decrepitos? Como poderá além do mais, marchar o Brasil com animo e fé, si um gelido scepticismo nos paralysa, si uma educação materialista restringe as nossas aspirações quotidianas a um circulo de interesses pessoaes?

APELLO A UMA NOVA GERAÇÃO

Entretanto, Geração Nova do Brasil, cumpre encetar a grande obra de affirmação brasileira. E' o terceiro cyclo historico, a terceira batalha a vencer. Vencemos, no Passado, a ficção politica européa do Tratado das Tordezilhas, conquistando, palmo a palmo, o territorio; vencemos a Santa Alliança, consolidando a nossa Independencia Politica. E agora nos cumpre vencer a mais decisiva das batalhas, que é conquistar o direito de ter physionomia propria, de ser alguma cousa no mundo, de representar um papel na Humanidade.

E' doloroso contemplar-se o panorama brasileiro neste momento: os espiritos estão separados, quando, deveriam estar, mais do que nunca, unidos para a grande obra; impera nas cidades um cosmopolitismo dissolvente; embriagam-nos os prazeres de uma civilização materialista, que nos inspira a ambição pessoal e ensina, como o mais bello caminho do triumpho, o caminho mais curto. Esquecemo-nos de que seremos indignos da Humanidade, si não cumprirmos uma missão que nos cabe; e, esquecendo, acceitamos todas as expressões da civilização extrangeira, copiando sem cessar, contrarian-

do tendencias proprias para que pareçamos um povo de refinados. Timbramos em mostrar-nos conhecedores da geographia, da historia e da literatura dos outros povos, porque só assim pareceremos cultos e civilizados, não nos lembrando que nos velhos paizes os homens mais representativos ignoram até o nome da capital do nosso paiz. Orgulhamo-nos de mostrar ao extrangeiro a cidade mais illuminada do mundo; porém o immenso paiz é para nós uma grande noite, porque nelle nada queremos enxergar.

E' no meio dessa sociedade futil, no meio desses letrados que conhecem o grego e o latim, a historia das linguas e os classicos, desde Sophocles a Racine, mas que ignoram completamente a realidade nacional; no meio das correntes immigratorias, que trazem para aqui, como uma projecção do Velho Mundo, feições que tentam conservar; e é, sobretudo, deante de uma Nação plena de elementos de affirmação, mas abandonada pelas classes cultas, que a Nova Geração Brasileira, tem de trabalhar, reunindo todas as forças da Nacionalidade que nella residem, para completar a obra dos nossos maiores.

A BATALHA DA MOCIDADE

Esta batalha será vencida, custe o que custar.

E' que tu, ó Destino dos Povos, estás, mais do que nunca, presente na angustia da Nova Geração Brasileira. E' que estás presente em toda a extensão do paiz, na lucta do cearense contra a inclemencia da terra, voltando a cada anno para o theatro do seu eterno martyrio, com energias que se renovam a cada sacrificio; na irrequieta cavalgada dos entreveros nos pampas do Sul; na audaciosa força paulista; no estoicismo do tapuya assoberbado pela selva amazonica; no garimpeiro, no vaqueiro, no boiadeiro e no tropeiro, no carreteiro e no peão indomito; no caiçára, no negro, no cafuso e no caboclo, nessas grandes reservas nacionaes.

E' que accendes o teu fogo immortal, Destino dos Povos, no risco phosphoreo do Boitatá, nas fagulhas da Mãe de Ouro, na brasa do cachimbo do Curupira e do Sacy, nos largos sertões, como si fôsse a propria alma do Brasil, ignea e palpitante.

Vieste da nossa Historia, vives na nossa terra; és a meiguice das mães brasileiras, és a bondade do rude homem do Brasil. E's o rythmo das nossas

canções tristes, és a volupia dos nossos maxixes e cateretês, compasso tragico dos sambas, vóz de violas, de urucungos, nas noites quentes dos tropicos. E quando o jangadeiro affronta as ondas do mar bravo, ou quando o caudilho rompe as florestas, na marcha guerreira, e o jagunço campeia o novilho nas disparadas pelos abysmos das caatingas, estás presente, ó Espirito Immortal, que traças os destinos dos povos sobre a face da terra.

Por isso, a Geração Nova do Brasil não teme fracasso na sua lucta, porque ella está procurando interpretar todas essas vózes, todos esses rumores, signaes de presença de um povo, para que constituam um dia a vóz clara e definida do seu grande paiz.

Destino dos Povos, arraza-nos com um cataclysma, si tivermos de ser, com tudo isso, um povo tributario; si tivermos de ser um agglomerado de adventicios; si tivermos de legar aos nossos descendentes um exemplo de passividade, que é uma traição ao sacrificio dos nossos antepassados.

O optimismo na vida de Machado de Assis (1)

(1) Em fins de 1931, foi lido este trabalho na Academia Paulista de Letras. Elle desdobra o panorama tragico da decrepitude de uma geração, da tristeza e decadencia das forças espirituaes da nossa Patria. Nas vesperas da grande alvorada, vale á pena rememorar o crepusculo cinzento do dia de Hontem. Estas paginas esclarecem o sentido deste livro.

O dia 7 de setembro de 1930 amanhecêra cinzento sobre os quarteirões cinzentos de Paris. Chegavam-me aos ouvidos os mesmos pregões matinaes de todos os dias, e, ao sahir á janella, o meu "arrondissement" que se extendia na encosta de Montmartre, offerecia-me o aspecto habitual do "square" Montholon, com as suas arvores, as suas creanças, seus velhos frequentadores, de capotes coçados, embebidos na leitura monotona dos jornaes. E, entretanto, para mim, era um dia de festa, uma data a cujo prestigio eu não podia fugir, embora sentisse no proprio ar cosmopolita de Paris a atmosphera do Continente, onde agonizava uma civilização. Aquella civilização, que declinava em todos os paizes da Europa levaria, por certo, com o seu desapparecimento, velhas concepções de Patria e de Nacionalidade; o conceito classico e theocratico fôra já vencido pela idéa lyrica da soberania, que illuminára os cem annos de democracia liberal, e esta cedia ter-

reno ao primado absoluto da Economia. A Patria politica era, realmente, uma idéa convencional, alimentada pelo interesse do capitalismo em manter sobre os alicerces da mentira da "vontade geral" a contradição monstruosa do seu regime. Diante do problema universal dos desocupados, do espectaculo de esplendor e de miseria das grandes metropoles, eu não podia mais comprehender essa concepção de Patria que a Revolução Franceza nos legára, furtando-nos á disciplina do espirito, para submetter a humanidade a uma minoria detentora dos meios de producção e de circulação das riquezas. Entretanto, naquelle dia 7 de setembro, na indifferença da paisagem urbana que Paris me offerecia, eu intimamente ia sentindo que amava o Brasil...

***

Eu não o tomava através do conceito formal da sua republica burgueza; o Brasil não era para mim, tambem, o vasto territorio destinado a uma larga utilização e socialização de beneficios e, sim, alguma cousa mais, que vivia no meu coração e estava sempre no meu espirito. E não era unicamente a reminiscencia das emoções

particulares; mas as emoções geraes, consciencia de integração no todo collectivo, rythmo nacional de vida, communhão de costumes, tendencias, aspirações, defeitos, esperanças, modos de ser, physionomia intima. E tudo isso constituia a Patria, mais profunda e mais humana do que o formalismo execravel da "vontade geral", mais subtil do que o amplo conceito absorvente da jurisdição politica. Cumpria dar um sentido novo á idéa da Patria brasileira, um sentido proprio e bem definido.

MACHADO DE ASSIS E AS GERAÇÕES DO BRASIL

Esse o meu pensamento, na manhã de chumbo de 7 de setembro, quando um amigo, co-estaduano de São Paulo, veiu procurar-me para os abraços e as congratulações do dia. E resolvemos festejar a data, lendo Machado de Assis.

Abri, ao acaso, as "Memorias posthumas de Braz Cubas". E surgiu a pagina do "Delirio". Comecei a ler em vóz alta. Queriamos sentir a nossa terra, e estavamos nos envenenando. A leitura proseguiu. Machado era uma affirmação da intelligencia brasileira, que nos orgulhava, sob o céu ex-

trangeiro. Mas o philtro nocivo ia calando, como si a propria alma do céu cinzento penetrasse com as suas sombras tristes pela janella aberta para o "square" quasi silencioso, onde havia velhos melancolicos curvados sobre seus jornaes e governantes conduzindo em berço de rodas creanças que vinham olhar mudamente as arvores. E o delirio de Braz Cubas. A angustia suprema do minuto diante da eternidade. Machado de Assis fallava: "A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incommodo, a conducção violenta, e o resultado impalpavel".

(E nós tinhamos sonhado, pouco antes, dar uma finalidade ao Brasil! Tinhamos pensado em trabalhar, em construir ...).

"Pobre minuto!" exclamava Machado de Assis pela bocca de Pandora — "Para que queres tú mais alguns instantes de vida? Para devorares e seres devorado depois? Não estás farto do espectaculo e da lucta? Conheces de sobejo tudo o que eu te dei de menos torpe ou menos afflictivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o somno, emfim, o maior beneficio de minhas mãos. Que mais queres tú, sublime idiota?"

***

Porque capricho do accaso foramos abrir Machado de Assis exactamente nessa pagina? O dia era de festa interior, para nós. Queriamos sentir o Brasil, que o nosso grande compatriota soubera magistralmente surprehender em tantos flagrantes de costumes e em tantos traços da nossa psychologia de povo. E, no entanto, tinhamos alli a vóz universal de um escriptor extrangeiro, que nada tinha com o Brasil, que estava cheio do espirito amargo do "Ecclesiastes" aggravado pelo fél que distillou do flanco do experimentalismo scientifico do século XIX. E como aquillo nos acabrunhava!

"Os séculos desfilam num turbilhão" — continua Machado — "e, não obstante, porque os olhos do delirio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, flagelos e delicias, desde essa cousa que se chama gloria, até essa outra, que se chama miseria, e vae o amôr multiplicando a miseria, e vae a miseria aggravando a debilidade. Ahi vinham a cobiça que devora, a colera que inflamma, a inveja que baba, e a enxada e a penna, humidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amôr, todos agitavam o homem, como um cho-

calho, até destruil-o, como um farrapo. Eram as fórmas varias, de um mal que, óra mordia as visceras, óra mordia o pensamento, e passeava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da especie humana. A dôr cedia alguma vez, mas cedia á indifferença, que era um somno sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dôr bastarda. Então, o homem flagellado e rebelde, corria deante da fatalidade das cousas, atraz de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpavel, outro de improvavel, outro de invisivel, cosidos todos a ponto precario, com a agulha da imaginação; e essa figura, nada menos que a chimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito..."

— Pára! Pára! — gritou angustiada a vóz do meu amigo. — Isto só com uma bala no ouvido!

Olhei-o e não pude deixar de sorrir. Elle contava vinte e quatro annos, era já um conceituado pintor da nossa terra, cheio de sonhos para o futuro. Nas confabulações em que uma turma de jovens brasileiros gastava longas horas nocturnas, a discutir os problemas do Brasil, a idear uma grande re-

volução, aquelle rapaz era um dos mais enthusiastas. Agora, elle se levantava irritado, afflicto, entregando-me um volume que apanhara de sobre a mesa. "Leia isto". Era o volume d' "Os Sertões", de Euclydes da Cunha.

A GRANDE BATALHA

Então, eu senti todo o drama da minha geração. Nós, de trinta e poucos annos, eramos a geração que lêra Machado de Assis. Que lêra Anatole France. Que se estylizara com Rnean e accrescentára á peçonha do satanismo o toxico do naturalismo. A geração que passára por todas as philosophias, para regressar com um sorriso de desillusão e desencanto. A geração que encontrava a sua predecessora preoccupada com as formas verbaes da litteratura e satisfeita com as formas symetricas de um regimen politico absolutamente alheio á vida real e ao espirito da Nação. E que teve de vencer em si mesma o scepticismo que lhe deixára o "Braz Cubas" e o "Quincas Borba", o diletantismo que lhe deixára a poesia official, o commodismo que isolou os intellectuaes da vida da Republica. Uma geração que via a sua precedente es-

tiolada á superficie dos problemas fundamentaes do paiz. E que, principalmente, julgava tudo inutil, com um sorriso amarello que lhe vinha da amarga philosophia do escriptor maximo da sua época.

Depois de remover todos os escombros de um periodo de artificialismo verbal, de inconsciencia politica e de scepticismo philosophico, demonstrando que a prosa de Ruy Barbosa não tem profundidade, e que os sonetos parnazianos não têm expressão humana duradoura por lhes faltar sentimento, côr e rythmo da terra e da raça, e que a liberal-democracia não passava do Estado sem finalidade, descobriamos entre outros grandes valores nacionaes, a figura de Euclydes da Cunha.

E o genio de Machado de Assis não escapára á nossa furia de geração vingadora e precursora. Eu tinha, agora, alli, o fructo da nossa campanha, na predilecção do meu amigo, que já pertencia á mais recente das gerações nacionaes.

A GERAÇÃO DE CABELLOS BRANCOS

Nós, que fizemos a revolução literaria de Após-Guerra, tinhamos sido precedidos por aquella geração da qual Graça Aranha traça o perfil, configurando a silhueta espiritual do pae de Phelippe, personagem do seu ultimo romance. "Por aquelles tempos" — escreve o notavel creador de "Canaan" e da "Viagem Maravilhosa" — "tres movimentos libertarios coincidiram no Recife. Nenhuma cidade brasileira teve tal previlegio. O paiz inteiro estava agitado pela abolição e pela aspiração republicana. A estas duas correntes politicas e sentimentaes veiu juntar-se no Recife a emancipação espiritual. Miranda, adolescente foi abolicionista, republicano e monista. Era a libertação integral. As idéas tornaram-se sentimentos e o estudante attingiu ao absoluto da paixão moral. Libertou escravos, acoutou em sua pobre "republica" negros fugidos e os fez partir nas barcaças libertadoras. Conspirou contra a monarchia, escreveu pela Republica. Venceu o terror religioso, negou o direito natural, comprehendeu a relatividade que determina a evolução juridica. Repetiu a these famosa de que só o monismo dá o verdadeiro conceito do direito. Recife, chato, longo, com o pictoresco dos rios e pontes, Recife de mar quebrado, de luar espectral, exhala esses fógos fátuos da intelligencia, que percorriam o paiz, e levavam aos reconditos obscuros phosphorescencias sublimes".

Essa exaltação libertaria, que Graça Aranha glorifica com essas palavras, é exactamente a fonte de todos os males brasileiros, a origem da indisciplina da intelligencia, da complexidade confusa da expressão geral da nossa mentalidade. Foi aquella geração exactamente que, julgando-se a mais jovem e a mais forte de todas, envelheceu de subito o Brasil. E, no crepusculo doloroso dessa velhice, no meio do desconjunctamento das peças fundamentaes da estructura brasileira, da dissociação de todos os traços iniciaes da harmonia do lineamento de uma physionomia nacional propria, na decrepitude prematura da intelligencia, o velho Machado de Assis avultou com o prestigio supremo de um grande interprete do scepticismo da sua gente.

ORIGENS PROXIMAS DA DECOMPOSIÇÃO BRASILEIRA

Chamam a Machado de Assis a "flôr exotica da cultura brasileira", e, encarado sob certo ponto de vista, elle o foi. Mas nós precisamos tomar o phenomeno Machado como um genio que traduziu o sentido de uma época na historia do espirito nacional. Elle sempre foi alheio aos debates philoso-

phicos, ás polemicas no terreno do direito e da sociologia, e até mesmo a politica jamais o interessou; e, embora Alberto Torres assegure ter possuido o grande mestre uma arguta percepção dos nossos problemas, Machado de Assis não se enthusiasmou nem pela Abolição, nem pela Republica, nem pelas novas concepções sociologicas. Viveu uma vida interior e viveu, principalmente, em função da sua mediumnidade. Mas tenho quasi como certo que, muito mais do que o amargor do Ecclesiastes, mais do que as influencias de Montaigne, Swift, de Sterne, de Merimée, que nelle quizeram ver os biographos e os criticos, Machado de Assis, com as antennas do seu genio, soffria subconscientemente a pressão da alma brasileira do seu tempo, deslocada do seu plano natural, deformada pela transplantação de um estado de espirito que não respondia ao nosso barbaro caracter de povo nascente e sem a capacidade de resistencia dos paizes de longa historia. Aquillo a que Graça Aranha denomina emphaticamente "phosphorescencias sublimes" eram signaes de decomposição prematura de uma geração que não aprehendera o sentido da terra e não fôra capaz de lançar os fundamentos de uma cultura genuinamente nossa.

O estado de espirito dessa geração não era optimista. Continuava a constituir aquella timidez a que Euclydes da Cunha se refere no prefacio aos "Poemas e Canções" de Vicente de Carvalho, em relação aos poetas satanicos ou byroneanos. Aquelles, ao menos, foram revoltados. E esta geração, agora, era sceptica. Todo o movimento de libertação conduziu a intelligencia brasileira a um plano de escravidão sob o imperativo scientifico, o impositivo do determinismo, que embebedaram todos os cerebros, até ao lethargo das indifferenças glaciaes e os delirios dolorosos de Braz Cubas.

Quando o proprio Graça Aranha, que exalta o movimento espiritual daquella geração, descreve o quadro doloroso que antecedeu a Revolução de 1930, elle proprio nos offerece a consequencia desse periodo de dissolvencia nacional a que o Estado agnostico assistiu de braços cruzados. "A mocidade"—diz elle — "esteve no Brasil longo tempo servil, dando tristes signaes de decrepitude. Ella estava na indolencia e formava na clientela dos politicos. Não era mais a mocidade desinteressada, que fez a Abolição e a Republica, era uma massa indigente e miseravel, viciada pela volupia e procurando o dinheiro no jogo, nos empregos publicos, nos

negocios equivocos. Uma materialidade absoluta unia solidariamente moços e velhos".

O CHOQUE

Realmente, essa "materialidade absoluta", que "unia moços e velhos", era a consequencia logica da concepção scientifica da existencia, agindo sobre o nosso temperamento tropical e cheio ainda dos vestigios das raças selvagens. Faltava ao Brasil, um sentido de finalidade, clara e definida. Na ausencia della, cahiamos no pessimismo de Machado de Assis, indice de toda a angustia de um povo desviado do seu curso normal na historia.

Quando publiquei o meu livro "O extrangeiro", senti o grande choque de duas gerações no meu espirito. A figura de Ivan procedia ainda do mal de antes da Guerra; e Juvencio era já o retorno ao sentimento da terra e da raça, esboçando uma finalidade. Em redor de mim, eu vi crescer os moços de minha idade, realizando com suas obras o mais notavel movimento intellectual da America do Sul. Tinha ainda um caracter de libertação, como aquelles da geração que nos precedera.

Mas agora, queriamos nos libertar da liberdade, da indisciplina, de todos os falsos caractéres que

revestiam as nossas expressões de cultura literaria e politica. Acreditavamos já em alguma cousa. Acreditavamos, por exemplo, no Brasil.

A revolução literaria determinou a revolução politica. De Alberto Torres, excluiamos os prejuizos do tempo e serviamo-nos do seu processo de observação. De Euclydes da Cunha, regeitavamos o que havia de exhibicionismo scientifico, e tomavamos a formidavel expressão da Terra e do Homem onde residem "as grandes reservas nacionaes", na expressão de Oliveira Vianna. Farias Brito trazia-nos a inquietação espiritual.

Machado de Assis, que até então, no periodo agudo da iconoclastia, da revisão violenta de valores, estivera, não propriamente condemnado, porque não tinhamos força para condemnar um genio, mas pelo menos esquecido, Machado de Assis, na segunda phase, na phase constructiva que a nossa geração emprehendeu, avultou de novo, como um espirito actual.

UMA PROPHECIA

E é ahi que apparece o Machado de Assis brasileiro, o grande espirito que a Providencia illuminou com a capacidade de devassar os meandros mais

escuros dos destinos do seu povo. Esse homem extraordinario, já em 1873 tem uma comprehensão exacta das possibilidades de affirmação de uma Patria. "Quem examina a actual literatura brasileira" — escreve o mestre — "reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instincto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literarias do pensamento, buscam vestir-se com as côres do paiz, e não ha negar que semelhante preoccupação é symptoma de vitalidade e abono de futuro".

Machado de Assis é aqui o optimista. Elle crê no seu paiz. Crê e traça um rumo que só muito tarde vem a ser adoptado. Elle fala em independencia mental, com o mesmo enthusiasmo com que nos referiamos a ella em 1923, 50 annos mais tarde! E é com firme confiança, que elle, o chamado sceptico, o triste, o taciturno, se illumina de fé, de grande esperança, escrevendo: — "Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão alli farto manancial de inspiração e irão dando phisionomia propria ao pensamento nacional. Esta outra indèpendencia não tem sete de Setembro, nem campo do Ypiranga; não se fará n'um dia, mas pausadamente, para sahir mais durodoura; não será obra de uma geração, nem de

duas; muitas trabalharão para ella, até perfazel-a de todo".

O MEDIUM DAS RAÇAS

No tempo em que traçava esse rumo, que veiu ganhar tão grande opportunidade em 1923, (1) Machado de Assis estava ainda na sua primeira phase de escriptor e de poeta e elle mesmo continuava com vigor a affirmação da alma nacional, atravéz de seus livros. Seus contos têm um sabor profundamente brasileiro. Seus romances reçumam a psychologia dos typos apanhados nos flagrantes da vida nacional. Suas poesias têm o sentido da Patria, já nas "Phalenas", e culmina nas "Americanas". A sua admiração por José de Alencar e, notadamente, pelo cantor de "I Juca Pirama" são altas expressões do sentimento brasileiro. Machado está no esplendor da sua mocidade. A sua ascensão é gloriosa como a de um sol, através de suas obras admiraveis que proseguem, até "Yayá Garcia", ultimo degráo de sua juventude forte optimista, exemplo de trabalho e de fé. E é nesse apogeu que Machado de Assis começa a agir como o

(1) Em 1923 foi que se processou o movimento literario modernista e brasileirista, com Graça Aranha, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, e outros.

grande medium da angustia nacional, produzindo o "Ecclesiastes", brasileiro, que é constituido pelo "Braz Cubas" e pelo "Quincas Borba".

"Ecclesiastes" barbaro da terra jovem, envelhecida subitamente, não é no humorismo inglez ou no aticismo da sua forma trabalhada como a phrase de Luiz de Souza que eu quero encontrar o segredo de seus effeitos. E' certo que a cultura deu a Machado certas attitudes de exteriorização mental ou verbal, e possivelmente influiu nos seus processos. Mas o que eu sinto em Machado é a acção do meio ethnico, o imperativo cosmico do paiz tropical, que puzera na bocca do selvagem que palestrára com Jean de Lerry as palavras de Salomão: — "Para quê?". O indio não comprehendia qual o motivo porque os francezes, levavam daqui tanto páo-brasil. "Vocês", dizia o tamoyo philosopho "vocês, peros e luizes (portuguezes e francezes), são loucos". Era a previsão de um Karl Marx agreste ou o lyrismo de um Sermão da Montanha, que Christo punha na bocca do homem primitivo. Esse tom sardonico da raça tupy, a um tempo amargo e superior, funde-se em Machado de Assis com o sarcasmo do escravo africano; e o elemento aryano, que entra no sangue do genio da nossa terra, dis-

ciplina-o com o senso logico de uma velha cultura. O agudo senso da vida do homem brasileiro, nunca se revelára tão prodigiosamente num só homem. Foi nesse espirito, que a cultura poliu e policiou, modelando-o ao rythmo exacto das expressões classicas, que a alma da nossa gente fallou, como um phenomeno de reacção ao ambiente philosophico e scientifico do século das supremas indisciplinas e dissoluções.

A FORÇA MYSTERIOSA DO ENFERMO

No fundo de Machado de Assis permanece o optimismo que elle revelava, quando escrevia para o jornal de Nova York, com tantas esperanças numa affirmação da Patria Brasileira. E' essa força que o equilibra na vida.

E' essa crença que o sustenta de pé, a despeito de todas as amarguras que se elevam no seu tumultuoso sub-consciente, onde vêm falar ás vózes de uma angustia que era menos delle do que do seu tempo, da triste humanidade que assistiu o alvorecer do século XX.

Attribuem á enfermidade de Machado o seu pessimismo. Mas o phenomeno desse escriptor é muito mais complexo. Não é possivel explicar assim, pelos famosos methodos scientificos e experimentaes, o grande drama de mediumnidade que os homens indices representam. Um genio não é propriamente um caso pathologico. A doença póde influir para crêar meios propicios, para determinar certa feição dos instantes vividos. Mas ella é menos uma causa do que um instrumento. Ha *qualquer cousa superior* aos estados morbidos, que determina a utilização desses estados morbidos. A descarga nervosa submettida a uma disciplina e a um estylo, obedientes a uma tendencia e condicionados a um modo de ser é phenomeno méramente adjectivo. Não ha definições para o genio, nem catalogações possiveis.

O genio é inexplicavel como o "absoluto" é incomprehensivel.

Machado é um homem normal na sua vida, exemplo de honestidade, de modestia, de simplicidade, de trabalho, de dedicação ao lar, de amôr á esposa, de affeição aos amigos, pequeno burguez das virtudes perfeitas e possuindo muito a tocante doçura dos costumes brasileiros. E' o exemplo para os moços que Ruy Barbosa aponta nestas palavras: "Modelo foi de pureza e correcção, temperança e doçura; na familia, que a unidade e devoção de seu

amôr converteu em santuario; na carreira publica, onde se extremou pela fidelidade e pela honra". E o Brasil vivia, ao tempo de Machado, uma época que é ainda Ruy Barbosa quem define, qualificando-a "de lassidão e violencia, de hostilidade e fraqueza, de aggressão e anarchia nas cousas e nas idéas".

Machado de Assis, doente e debil, trazia comsigo uma força que era aquella mesma de que usára, para galgar, vindo da pobreza e da condição social mais obscura, o mais alto degrau da cultura nacional. Essa força modelava o cidadão, o funccionario, o erudito, o chefe de familia, e sustinha de pé o enfermo, para que recebesse as irradiações mysteriosas de um estado de espirito que falava nelle, como uma resposta da Raça ao sentido da cultura do século.

O HOMEM QUE ACREDITOU

O que havia de consciente, de bem accordado em Machado de Assis, era o seu optimismo! Elle conheceu o amôr e poude amar, e acreditou no amôr. Elle imaginou uma obra literaria, iniciou-a na mocidade e não a abandonou até á velhice. Elle

acceitou de bom grado a disciplina social do trabalho e foi o mais exemplar dos funcionarios. Elle concordou com a possibilidade da amizade, e cultivou amigos, inalteravelmente, durante longos annos, até seus ultimos dias. Elle acreditou na Patria Brasileira e traçou para ella um destino literario, chegando a estabelecer tarefas, "não a uma, nem a duas, mas varias gerações", como affirmava no seu artigo "Instincto de Nacionalidade". Elle comprehendeu a utilidade das instituições, fundou a Academia Brasileira de Letras, e não descançou um minuto em insuflar-lhe vida. E tudo isto não é optimismo? E tudo isto não é sentimento de fé?

Na propria expressão formal da obra de Machado, ha uma grande crença: a crença nas expressões perfeitas, na correção, no rythmo. Pois esse homem era uma suprema expressão de força consciente. E era essa força que tomava a onda tumultuosa de sua tragedia interior, crystalizando-a nos livros, impondo-lhe uma grande finalidade humana: a finalidade da interpretação dos phenomenos, a traducção particular de um estado de espirito geral, resultante das reacções culturaes do seu tempo.

Machado era fiel á verdade e nisso residia mais

um signal de crença nesse espirito originalissimo. E a verdade, no seu tempo, era a duvida. Machado não fez mais que expôl-a, com sentimento racial, embora sem intenção nacional, nos livros que marcam a sua trajectoria de amarga philosophia. E, por isso, o chamado pessimismo de Machado de Assis não pertence a elle, mas foi um pessimismo *que passou por elle,* como passa a musica de Beethoven ou de Wagner pelas mãos de um interprete genial. O nosso grande escriptor foi um "virtuose" que interpretou o amargurado século XIX. O pessimismo de Machado é mais duvida que pessimismo; e nessa duvida existe menos audacia de indagar do que timidez em conhecer. Elle foi um timido, dizem os seus biographos. E essa timidez mesma é preciso tomar-se, não como expressão de temor, mas como espirito do seu tempo, em que Nietzche aberra de todas as precavidas philosophias coevas. Como é difficil o phenomeno Machado de Assis! E como elle é uma expressão do complexus nacional!

FIM DE SECULO E CREPUSCULO DE NACIONALIDADE

Por isso mesmo é que o autor do "Braz Cubas" cresce hoje dentro da nossa propria geração, desta

geração, que para não negal-o, pôl-o de parte e que só agora vem examinal-o. E a sua figura resiste. Resiste e ganha uma actualidade extraordinaria. Nos dias cahoticos que vivemos, encontram-se ainda varias gerações cujo raio de acção foi curto, ou cujas actividades se affirmam numa co-existencia decorrente da propria velocidade trepidante dos nossos dias precipitados.

A geração que agitou o Recife, de onde, no dizer de Graça Aranha partiram "clarões phosphorescentes" para illuminar o Brasil, foi a grande geração das supremas inconsequencias e das contradicções sociaes mais pasmosas. Paradoxalmente, creou essa cousa absurda que poderemos denominar "o apriorismo da concepção experimental", ou "o empirismo com fundamento theorico". Foi uma geração que estabeleceu a sua premissa e foi buscar a conclusão numa outra premissa differente. Foi a geração da liberal-democracia, absurdamente ajoelhada diante da superstição naturalista e do dogma scientifico. A geração, que no dizer de Graça Aranha, rompeu com o terror religioso, mas não teve animo de systematizar esse rompimento em principios politicos definidos. A geração que creou a idolatria das formas constitucionaes, que o espi-

rito divorciado da nacionalidade encarou sempre como uma insignificativa lithurgia de macumbas politicas. Os institutos legaes passaram a ser considerados como o ritual inoffensivo de uma religião extincta. E a Nação, que não teve a coragem de se affirmar no sentido franco do scientifismo materialista, da concepção monista do universo, tambem não teve a firmeza de se conservar dentro do espirito da tradição, da raça e dos imperativos espirituaes da educação brasileira.

Essa geração veiu se crystallizando no cultivo das formas, até que, ao rebentar a Grande Guerra, já não atacava os problemas philosophicos fundamentaes e se contentava com o culto da poesia parnaziana e da republica democratica. Era a mentalidade da indifferença, no estupor beatifico daquella allucinação que a penna de Machado de Assis nos traça nas paginas chocantes do "Delirio". E, emquanto esse phenomeno se verificava nas espheras da cultura nacional, o paiz marchava a marcha rapida dos crepusculos inevitaveis e a nossa sociedade, lacerada por todos os vicios, submettia cada vez mais o Brasil ao dominio extrangeiro, á sanha do capitalismo internacional, sem nenhuma capacidade de resistencia. E' a indefinição da obra

sub-consciente de Machado de Assis, que o grande medium nacional traduziu nas expressões dos seus proprios estados de espirito, nas auras do "grande mal" e nos instantes envenenadores de tedio.

A LIÇÃO DA DISCIPLINA

Esse Machado de Assis, consciente, exacto, equilibrado, esse Machado de Assis a quem Alberto Torres attribuia a maior argucia em relação aos proprios problemas administrativos, esse fundador da Academia Brasileira, esse homem que acreditou na familia e nos amigos, esse critico, que teve uma visão tão perfeita dos verdadeiros caminhos a serem palmilhados pela literatura nacional, esse puro espiritualista, que respondeu ao naturalismo de Zola e de Eça de Queiroz, que o maguaram tanto, com a nota sceptica e profundamente dolorosa do seu "Braz Cubas", em que eu vejo mais rancor contra o Seculo do que despeito pela humanidade, esse varão de excelsas e solidas virtudes civicas e privadas teve a tarefa providencial de offerecer á alma brasileira o grande espelho em que ella hoje, mais do que nunca, se mira, num instante tão grave para os destinos da humanidade.

Nosso Brasil não tem hoje consciencia politica e a sua consciencia nacional é ainda um conjuncto de elementos esparsos, onde não impera nenhuma disciplina cultural (1). Nosso Brasil, é, porém, tão grande, ou maior, no seu tumultuoso complexus do que os instantes somnambulicos de Machado de Assis, quando elle exprimia o conceito do Universo e o senso das finalidades, em meias sombras phantasmaes. E é no proprio Machado de Assis que o Brasil confuso e enorme de hoje deve ir buscar a lição admiravel de affirmação de personalidade. Na disciplina que se impoz aquelle grande espirito, naquella fé que jamais lhe faltou através de todas as duvidas, naquella confiança em si mesmo; naquella reacção contra o meio, depois contra o Seculo. Ao tumulto do seu tempo, Machado oppoz a rigidez do seu espirito classico. Ao delirio libertario, contrapoz a firmeza da disciplina.

E não será de outra forma que o Brasil de 1931, misero Braz Cubas delirante, — poderá comprehender o idioma extranho nos labios de Pandora . . .

(1) Esta pagina é de 1931. Tres annos depois, sente-se o despertar da consciencia da Patria em mais de 500 cidades brasileiras, nas quaes, existem nucleos integralistas .

A resposta da Atlantida (1)

(1) Artigo publicado na "A Offensiva", em 7 de junho de 1934.

Essa lendaria Atlantida, de que falam os mais remotos papyros, de que se occupou a imaginação dos poetas e que tem servido de thema aos investigadores das éras primitivas, terá sido uma realidade do passado, ou será uma realidade do futuro?

Quando a Europa começa a envelhecer no esplendor da civilização do chamado Occidente; quando a mão do historiador já se fatiga na consideração dos factos sociaes; nesta hora de tormenta do mundo, em que os problemas se complicam, na trama subtil tecida por mysteriosas forças que têm governado as paixões dos Povos, — eis que o sonho da Atlantida se desloca para uma visão do futuro, e a America do Sul ganha uma importancia jamais attingida.

Este Continente esteve á margem da Historia Universal até aos dias presentes. Primeiro, immer-

so no lethargo dos tempos, conservou-se como um féto irrevelado á consciencia universal, ou vivendo fóra dos ambitos da Asia e da Europa, num rudimento de consciencia propria. Depois, saudado pelas caravellas portuguezas e hespanholas, tornou-se apenas um theatro, a arena selvagem para as aventuras desbordantes da Renascença.

A grande terra americana, com milhões de kilometros quadrados, foi sempre considerada como um supplemento geographico da humanidade, um appendice de mediocre importancia para a historia da Civilização. Atravessou, assim, todo o periodo da colonização aryana, a phase dos cruzamentos ethnicos, da iniciação agraria e da fundação das cidades.

O seculo XIX deu-lhe independencia politica. Mas a situação colonial continuou, quer do ponto de vista da cultura, quer sob o aspecto economico. Mas esse mesmo seculo XIX, que amarrou as treze Nações do Continente á perna da mesa do festim balthazaresco do capitalismo super-nacional, assistiu á formação dos typos raciaes pre-definitivos, á ordenação de um modo de vida genuinamente original, anti-europeu, com caracteristicas oriundas do nosso proprio isolamento.

*
**

O isolamento da America do Sul é um facto incontestavel durante os cem annos ultimos. A Europa e a America do Norte trataram-nos como a um commensal incommodo, um intruso no convivio das grandes Nações.

Por mais que se queira provar o contrario, o desprezo que temos soffrido correspondeu a um escorraçamento systematico. Terra de negros, de mestiços, de caboclos, nunca a Europa nos levou a sério. A attitude dos velhos paizes, em relação a nós, foi sempre de desdem profundo, a ponto de ignorarem, os homens mais cultos, a nossa geographia. Fomos tratados como parentes pobres, como compadres da roça, embasbacados ante as maravilhas do compadre da cidade. Fomos olhados com a ironia com que se olham os imitadores ridiculos, os plagiarios e falsificadores de objectos authenticos.

Por mais que se diga que Santos Dumont foi grande cousa na Europa, não é verdade que esta se "curvou ante o Brasil", como affirmou o nosso Eduardo das Neves, pois o nome de nosso patricio nem figura nos compendios do Velho Mundo. Por mais que se queira provar que Ruy Barbosa bo-

quiabriu os juristas e oradores em Haya, isso está muito longe da verdadeira realidade. O Rio de Janeiro continuou a ser a capital de Buenos Aires, apesar de toda a petulancia dos almofadinhas literarios da Argentina e do Brasil. Nós, todos os povos da America do Sul, continuámos a ser miseras Guyanas infestadas de cobras e de macacos.

Só uma especie de gente nos conhecia na Europa: os banqueiros. Esses, garantiam que não eramos uma phantasia geographica, porque um argumento lhes falava bem alto: os juros que pagavamos, trabalhando como escravos.

Nada foi mais util á America do Sul do que o facto da Europa nos ter feito o immenso favor de nos desprezar. Pudemos, assim, compôr uma physionomia propria, aparte, bem distincta. Os literatos, os juristas, os governantes da America do Sul, esses ficaram convivendo com a Europa, mal tratados, ridicularizados, humilhados. Esses envelheceram com a Europa. Esses trazem no rosto e na alma as rugas precoces que um mimetismo fatal insculpiu.

Essa chusma de cathedraticos, de poetas, de legisladores, de economistas, de technicos financeiros, de jornalistas, de pintores e musicos, sempre teve em alta conta as consagrações das palmas colhidas nas salas de aluguel da Sorbone, os disticos em relevo dos institutos scientificos extrangeiros, as cartas de Renan, as criticas das revistas francezas e as referencias do "Times" sobre a honorabilidade nacional...

Em literatura, esses titeres eram lacaios dos salões de Paris e em finanças não passavam de capachos ás portas dos Bancos do Tamisa. Em philosophia, eram divulgadores mediocres de obra alheia, em politica, sovados serviçaes das democracias imperialistas manobradas por occultas forças escravizadoras.

Toda essa fauna, que pedia idéas a Comte, a Spencer e Haeckel, como pedia figurinos a Jean Patou, que imitava o scepticismo de Anatole, e tomava emprestado o canivete com que Heredia entalhava seus sonetinhos, e furtava uns cinzentos de Carriére para compôr uns versos á Samain e se enternecer deante dos canaes de Bruges, e transformava o chá com torradas em "five-ó-clok-tea", para dizer paradoxos de Wilde e mais tarde as graçolas

de Shaw, essa fauna immensa era apenas uma casca engelhada, que está caindo de pôdre.

O isolamento da America do Sul foi completo, apesar dessa gente cosmopolita.

Não tomaram conhecimento de nossa existencia.

Por isso, nós, os caboclos do Brasil, pudemos desenvolver-nos á vontade e hoje, da Europa, só queremos uma camisa, com a qual exigiremos violentamente que saibam de nossa existencia, do nosso drama, da nossa dôr, e escutem a palavra nova que queremos dizer e diremos neste alvorecer de seculo.

***

Já os "touristes" da literatura estão sabendo que existimos. Já não repontam por aqui os Anatoles para receber homenagens e fazer chacotas do nosso paiz. De Anatolezinhos estamos cheios, bem ridiculos no seu scepticismo de simios risonhos, e desses saberemos o que fazer dentro em breve. Os que nos visitam agora são os srs. André Siegfried e Hermann Keyserling, o primeiro com fumaças de advinhador de problemas economicos, e o segundo com faro de perdigueiro, muito alarmado ante o

"homem tellurico", que aqui se formou á revelia da Europa.

Já o sr. Keyserling affirma que vae sair alguma cousa *disto*. Sim; tem razão. *Isto*, afinal, vae pronunciar-se. Um espirito novo nasceu na America do Sul. Nasceu no Brasil.

O espirito do sertão está invadindo as cidades. A alma da Terra encarnou-se numa geração imprevista para aquelles que cresceram comendo geléa de morangos em jejum para serem agradaveis ás governantes inglezas.

Uma força nova levantou-se, espantando os mocinhos pallidos das portas das livrarias e os ratos de bibliothecas que ainda cultivam o *sport* facil da anecdota, do trocadilho e da perfidiazinha em que se comprazem as senectudes burocraticas e as insufficiencias glandulares dos decrepitos.

A America do Sul vae erguer-se, pelo milagre do Brasil. O Brasil caboclo, o Brasil forte, o Brasil do sertão, o Brasil barbaro e honesto, num impeto selvagem, vestiu uma farda côr das mattas e desfraldou uma bandeira da côr do céu.

E' o despertar de uma Nação.

E' um destino que se cumpre.

E' a resposta da Atlantida. Não mais a mys-

teriosa terra que emergia no Passado, mas a gloriosa terra que está emergindo no presente, para dominar o Futuro, com a força de uma nova civilização.

INDICE DE NOMES

INDICE GERAL

II Parte

NO LIMIAR DO SECULO XX

III Parte

PELO DESTINO DO BRASIL — O SENTIDO OPTIMISTA DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS — A RESPOSTA DA ATLANTIDA